SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO 484 • FEVEREIRO 2026

A HOLLYWOOD BRASILEIRA

Há 20 anos, uma cidade do interior de São Paulo ergueu um grande polo cinematográfico. Mas a euforia durou pouco. P. 30

Formado por prótons, nêutrons e elétrons

Estimula a imunidade para prevenir doenças

Linguagem dos computadores

Carrega instruções para a vida

Graham _, inventor do telefone

EM BUSCA DO TÉDIO PERDIDO

Às vezes, tudo o que você precisa é não fazer nada. Ficar entediado é uma vantagem evolutiva – e o celular atrapalha esse processo. Saiba como aproveitar o tempo ocioso para ser mais criativo. P. 20

POR MARIA CLARA ROSSINI

Vestígio de organismos antigos

Água em estado sólido

P. 38
AS RAÍZES DO IMPERIALISMO DOS EUA.

P. 46
TESTAMOS OS NAVEGADORES DE IA.

P. 08
POR QUE O INSTA NÃO É MAIS O MESMO.

P. 52
COMO A CACHAÇA VIROU A BEBIDA NACIONAL.

ISBN 977-0104178004 00484

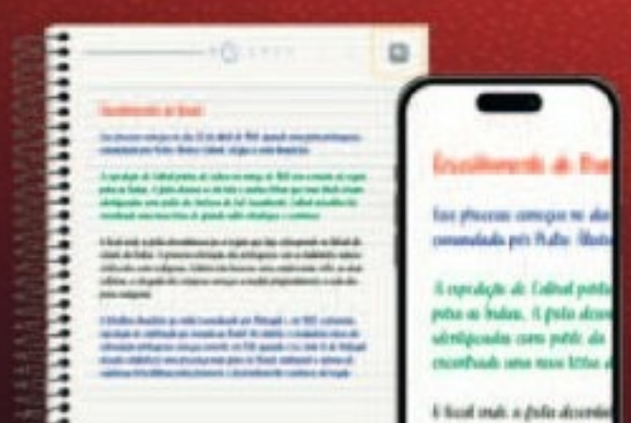
R$ 33,00

Abril

SUPER INTERESSANTE + Jandaia

ESTUDE COM A SUPER!

EQUIPADO COM JandaIA



A revista das mentes curiosas agora tem cadernos com um tutor de IA integrado, que transcreve as suas anotações e muito mais. Confira!

ESCANEIE O QR CODE E COMPRE AGORA!

@CADERNOSJANDAIA @REVISTASUPER

CARTA AO LEITOR

→ EDITORIAL

O lado bom de ser medíocre

Paulo Vanzolini (1924-2013) é um dos grandes personagens da ciência brasileira. Cursou medicina na USP, mas nunca desejou exercer a profissão. Queria mesmo era aprender anatomia e fisiologia para aplicar esse conhecimento com os animais, sua verdadeira paixão.

Paulo matava aula e passava o dia no laboratório de zoologia. Perto da semana de provas, dormia no Hospital das Clínicas, fazia um intensivão com a turma de lá – e passava de ano.

A formação lhe abriu portas para um doutorado em Harvard, onde se especializou em répteis e anfíbios. De volta ao Brasil, ajudou a fundar a Fapesp (importante órgão de fomento à pesquisa científica) e comandou por 30 anos o Museu de Zoologia da USP, cujo acervo é um dos mais completos do mundo.

Em 1993, aposentou-se do cargo de diretor, mas seguiu trabalhando de segunda a sábado no museu. "É a única coisa de que gosto, a única coisa que sei fazer", disse certa vez à revista *Scientific American Brasil*.

Não é verdade. Na faculdade, Paulo começou a fazer música. Mesmo sem saber tocar um instrumento, decidiu arriscar. Sorte a nossa, pois ele se tornou um exímio sambista. Escreveu mais de 70 canções ao longo da vida, interpretadas por nomes como João Gilberto e Elis Regina. Era bróder de Adoniran Barbosa e frequentava a casa dos Buarque de Holanda.

Albert Einstein tocava violino entre sessões de estudo. "A música é a maior fonte de alegria na minha vida", disse o alemão. Marie Curie era ciclista. E Richard Feynman tocava bongô.

Eles não conquistaram uma carreira paralela como Vanzolini. Mas nunca foi o objetivo. Em comum, todos esses gênios faziam questão de passar um tempo fora do laboratório para praticar outras coisas que lhes dessem prazer. Algo essencial, e não apenas para cientistas. Meryl Streep é viciada em tricô. O Emicida cultiva uma horta.

A capa deste mês, escrita pela Maria Clara Rossini, partiu de várias inquietações. Dentre elas, a de que as redes sociais estão sugando o nosso tempo ocioso – mas elas não são as únicas. Há um surto de produtividade e performance que extrapola o mundo profissional e permeia todas as esferas da nossa vida.

Domingo é dia de terminar aquele curso online. Leitura? Só se for auto-ajuda ou algo útil para o trabalho. Desaprendemos a ficar de papo pro ar, ou simplesmente fazer algo por pura diversão. Sério mesmo que não dá pra encaixar um romance policial depois de aprender como fazer amigos e influenciar pessoas?

Precisamos retomar a ideia de cultivar um hobby e, mais importante, aceitar que podemos ser medíocres (que não significa "ruim", apenas "na média"). Nada melhor do que se permitir fracassar – e, no caminho, vivenciar coisas que você jamais imaginou.

Estou tentando colocar a filosofia da mediocridade em prática. Aos finais de semana, adoro testar novas receitas. Mas sem pressão – só quero fazer um rango gostoso pra quem eu amo. Uma vez por semana, estudo espanhol sem nenhum objetivo em vista (a menos, claro, que eu descole uma entrevista com o Bad Bunny). Ainda quero aprender um instrumento. Desde já, desculpa aí, vizinhos.

Rafael Battaglia Popp
EDITOR-CHEFE
RAFAEL.POPP@ABRIL.COM.BR

EDITORA Abril
Fundada em 1950

Publisher Fábio Carvalho
CEO Mauricio Lima

SUPER INTERESSANTE

Editor-chefe: Rafael Battaglia Popp **Editor:** Bruno Garattoni **Diretora de arte:** Juliana Krauss **Editores-assistentes:** Bruno Carbinatto e Maria Clara Rossini **Repórter:** Bela Lobato **Designers:** Caroline Aranha e Cristielle Luise Rodrigues **Estagiários:** Ana Clara Caielli Barreiro, Diego Facundini e Luiza Lopes, (texto) e Rafaela Reis (arte) **Colaboração:** Anderson C.S. de Faria (produção gráfica) e Bianca Albert (revisão)

www.super.abril.com.br/
www.youtube.com/@Superinteressante
Instagram: @revistasuper
X: @revistasuper

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **DIRETOR DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL** Marcelo Moreira **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Av. Alcides Sangirardi, 301, Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05072-015

SUPERINTERESSANTE edição nº 484 (ISSN 0104-178-9), ano 40, nº 2, é uma publicação da Editora Abril **SUPERINTERESSANTE** não admite publicidade redacional

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700,
Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

VENDAS ASSINATURAS www.assineabril.com.br

VENDAS CORPORATIVAS E VENDAS EM LOTE
assinaturacorporativa@abril.com.br

ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Todo o acervo publicado de Superinteressante está no App Superinteressante. Baixe aqui

Google Play Apple Store

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

Bola Quadrada

TODA SEGUNDA-FEIRA

20H

NO CANAL VEJA+TV

O FUTEBOL ALÉM DO PLACAR

Com Fernanda Arantes, Fábio Altman e Amauri Segalla, debates diretos e opiniões qualificadas sobre o jogo dentro e fora de campo

ASSISTA NO CANAL VEJA+TV

Samsung TV Plus	LG Channels	TCL	Roku	App
2059	126	10031	221	NXTV

vejatv

CARDÁPIO

→ FEVEREIRO DE 2026

"Ainda Estou Aqui", disse o teatro de Paulínia P. 38

20 Capa

EM BUSCA DO TÉDIO PERDIDO

Ficar entediado é uma vantagem evolutiva. Saiba por quê – e veja como aproveitar o tempo ocioso para ser mais criativo e encontrar sentido na vida.

30 Luz, câmera
Paulínia investiu milhões de reais em estúdios de cinema e um teatro que, hoje, mal são usados. O que aconteceu?

38 God Bless America
A política imperialista de Trump é herança da religião puritana dos fundadores dos EUA – e da eterna vontade de afastar a influência europeia.

46 ChatGPT, traz pão
Navegadores com IA embutida prometem ajudar a resumir formulários, fazer pesquisas e compras online. Confira o teste.

52 A história da marvada
Entenda como a cachaça foi peça-chave no tráfico de escravizados africanos – e motivou a primeira revolta brasileira.

ESSENCIAL

6 UMA IMAGEM...
Esqui com cavalos integra a programação de um tradicional festival na Polônia.

8 ... UMA OPINIÃO
Por que o Instagram não é mais o mesmo

SUPERNOVAS

10 CAVERNA PEQUENA
Há menos trolls na internet do que se pensa, diz estudo.

12 O QUE CUSTA?
Pessoas ricas relutam mais em vacinar os seus filhos e a si próprias.

16 *JUKE JOINTS*
A história das bodegas de blues que inspiraram *Pecadores*, recordista em indicações ao Oscar.

18 OI, SUMIDO
Nintendo relança o Virtual Boy como um acessório para o Switch.

12 ENQUANTO ISSO...
15 NÃO É BEM ASSIM
16 PÉROLAS DO STREAMING
19 VOCÊ DECIDE

NÚMERO INCRÍVEL

750
BASES DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO EXISTEM FORA DOS EUA – 90% DO TOTAL DE TODAS AS BASES MILITARES INTERNACIONAIS.
P. 38

ORÁCULO

60 PEQUENOS PRAZERES
De onde vem o cheiro de livro novo?

62 I WOULD LIKE A RING
Por que Saturno é o único planeta com anéis?

65 MANUAL
Como se alongar (de verdade).

61 PÁ PUM
63 SÓ ACREDITO VENDO
64 CONEXÕES
64 LOST IN TRANSLATION

ÚLTIMA PÁGINA

66 SRA. NEYMAR
Conheça alguns dos nomes neutros mais (e menos) usados no Brasil.

Capa Juliana Krauss **Tipografia complementar** Shadows Into Light

Cruzadinha Na vertical (da esquerda para a direita): Código; Bell; Átomo. Na horizontal: Fóssil

ESSENCIAL

→ UMA IMAGEM...

Foto **NurPhoto / Getty Images**

←

NA PÁGINA ANTERIOR: Não são as Olimpíadas de Inverno. Em Ludźmierz, na Polônia, um atleta participa de uma competição de *skijöring* – modalidade de esqui em que a pessoa é levada por um animal (como um cachorro ou, no caso, um cavalo). A corrida faz parte da Parada Gazdowska, uma celebração anual da região montanhosa de Podhale. A tradição começou há séculos com encontros informais dos gazdas (fazendeiros da região) para exibir suas habilidades com os cavalos. Hoje, ela é uma festa que acontece todo mês de fevereiro e reúne turistas e locais, que vestem roupas típicas e decoram seus trenós.

Por que o Insta não é mais o mesmo

A plataforma simboliza a transformação das redes sociais, que deixaram de ser sobre amigos e familiares para virarem terrenos de politicagem, propaganda e sensacionalismo.

POR FILIPE VILICIC*

A PRIMEIRA VEZ QUE ENTREVISTEI o brasileiro Michel "Mike" Krieger, um dos fundadores do Instagram, foi em abril de 2012 para a *Veja*. Isso 18 meses após ele ter lançado o app ao lado do americano Kevin Systrom, e ele fazia questão de ressaltar o que diferenciava a sua rede social.

Formado pela Universidade Stanford, referência no Vale do Silício, Krieger via o Insta como "um álbum de família", onde era possível "conhecer uma pessoa do outro lado do mundo pelas fotos dela". Também demonstrava convicção de que o app não seria invadido por anúncios nem serviria de palco para disputas ideológicas.

Uma semana após a conversa, o Facebook (renomeado como Meta em 2021) comprou o Insta por US$ 1 bilhão. Em 2018, os

dois fundadores deixaram a empresa, numa saída sobre a qual circulam boatos de insatisfações. Em um breve encontro que tivemos um ano depois nos arredores de Stanford, Krieger demonstrou desconforto: "Queria ter visto o app em uma direção diferente".

Mark Zuckerberg, CEO da Meta, impôs seu estilo agressivo. Uma abordagem que desde o início de 2025 é assumidamente alinhada com as políticas do presidente dos EUA, Donald Trump, como o executivo fez questão de esclarecer em um discurso em uma live transmitida em janeiro do ano passado: "As recentes eleições [*que Trump venceu*] foram como uma virada cultural".

A direção que tomou o Instagram reflete como mudaram as narrativas que prevalecem nas redes sociais. Se no início elas se propunham a nos conectar com amigos e familiares, agora são ambientes dominados por politicagem, ads, sensacionalismo e desinformação.

No meu tempo...

O Instagram foi lançado em outubro de 2010. Até meados da década passada, ele se diferenciava por ser algo como Krieger tinha vislumbrado: um point para admirar fotos embelezadas por filtros, território de artistas e amigos.

Agora, ele parece ser muita coisa ao mesmo tempo em uma cacofonia audiovisual que retrata o lugar que as redes sociais tomaram em nosso mundo. O que deixou de ser é aquela praça virtual onde encontrávamos sobretudo fotos de pessoas que gostamos e seguimos, e não mensagens das marcas, dos influencers e dos políticos que mais pagam para impulsionar seus conteúdos.

O Instagram estreou seu negócio de anúncios em 2013. Hoje, os ads rendem mais de US$ 70 bilhões ao ano. As projeções para 2026 indicam que o app deve representar mais da metade de todo o faturamento da Meta com anúncios, que inclui também o Facebook. "Se antes se via como um espaço de sociabilidade, hoje fica mais evidente que é sobre o comércio dos dados e dos anúncios", diz a pesquisadora Issaaf Karhawi, autora do livro *De Blogueira a Influenciadora*.

Karhawi, referência em estudos sobre o fenômeno dos influencers, vê as redes como ambientes tomados por essas figuras: "Se fizessem greve de um dia, não teria mais conteúdos nas plataformas. E não estou falando só dos grandes, mas também dos '*wannabees*', os que vivem na esperança de um dia ganhar com isso".

Posts instagramáveis, feitos para viralizar, inundam a timeline – e parecem todos iguais.

A onipresença nas redes da estética popularizada pelos influencers no Insta, marcada pelo uso de filtros, mensagens simplistas e enquadramentos padronizados, levou à criação de termos como "instagramável", usado para adjetivar imagens com potencial de curtidas.

A possibilidade dada a qualquer pessoa com um celular de produzir seu próprio conteúdo instagramável é o que fez do Instagram único quando foi lançado. Mas qualquer liberdade é ilusória. Assim como nas mensagens do X ou nos assuntos que se disseminam em vídeos do TikTok, o algoritmo guia as escolhas do usuário conforme os interesses da Big Tech, que dita o que é viralizável.

Por que mudou tanto?

Felipe Neto despontou no YouTube em 2010, mesmo ano do lançamento do Insta, e o teor de seus conteúdos reflete as mutações no DNA das redes. Na época, ele viralizou com vídeos em que criticava fenômenos culturais adolescentes. Nos últimos anos, suas ações se tornaram mais politizadas, seguindo tendência abraçada por outros influenciadores, principalmente no ambiente do Insta (no YouTube, ele continua a focar no público infantojuvenil).

Em outubro de 2022, em uma campanha a favor de Lula, Felipe Neto publicou uma série de 23 vídeos desmentindo fake news que procuravam favorecer Jair Bolsonaro. Como contraponto da direita, o influencer e hoje deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) divulgava vídeos replicando Felipe Neto.

"Ali foi uma hora em que tive de bater no peito e dizer 'eu tenho uma responsabilidade'", me contou Felipe, cuja esfera de influência foi meu objeto de estudo no mestrado ①: numa das revelações de um questionário para mais de uma centena de fãs do influenciador, 71% disseram ter tido a opinião mudada no tópico "política" por conta de seus conteúdos.

A tática usada por Felipe Neto para se consolidar como um operador de multidões é na prática a mesma adotada por figuras do espectro ideológico oposto, como Nikolas Ferreira ou o falecido ideólogo da extrema direita, Olavo de Carvalho. O que mostra que o que mudou foi o ambiente das próprias redes sociais.

Usuários do Insta têm visto cada vez mais publicidade, e o domínio dos conteúdos criados por influenciadores – e que de tempos para cá também sofrem influência da padronização pelas ferramentas de IA – inundou a timeline com posts instagramáveis, desenhados para viralizar, mas que parecem todos iguais.

No meio desse bolo, políticos e notícias escandalosas despontam por apelar às emoções da plateia (em ano de eleição, pode apostar que o Insta terá papel decisivo na briga por votos). Tudo isso acaba engolindo as fotos da viagem à praia da sua tia, ou as do noivado da sua amiga.

Em 2009 (2), a professora da USP Carolina Terra descreveu um "Quinto Poder" em atuação nas redes sociais: o próprio usuário (os outros são: Legislativo, Executivo, Judiciário e a mídia). "Era uma época de deslumbramento com a tecnologia", diz ela agora. Passados 17 anos, Terra revê o conceito: "Hoje se pode encarar as Big Techs como esse Quinto Poder, e não o usuário. A gente vê como elas conseguem usar as redes sociais no jogo da democracia, endereçando mensagens e criando pânico moral".

O Instagram surgiu com a proposta de construir um ambiente familiar, saudável e seguro. Só que o app chegou ao seu ano de debutante com outra roupagem, num retrato sólido do que hoje são as redes sociais.

*Filipe Vilicic é jornalista, mestre em Ciências da Comunicação pela USP, cofundador e publisher da revista *Breeza* e do podcast *Saindo da Estufa*. É autor, dentre outros, do livro *O Clique de 1 Bilhão de Dólares*, sobre a história do Instagram.

Fontes ① "O mapa da influência – um estudo do poder de operar multidões nas redes sociais a partir da cartografia das ações de Felipe Neto"; ② "Usuário- -Mídia: o quinto poder. Um estudo sobre as influências do internauta na comunicação organizacional".

SUPERNOVAS

→ DESIGN CRISTIELLE LUISE

Internet tem menos trolls do que se pensa

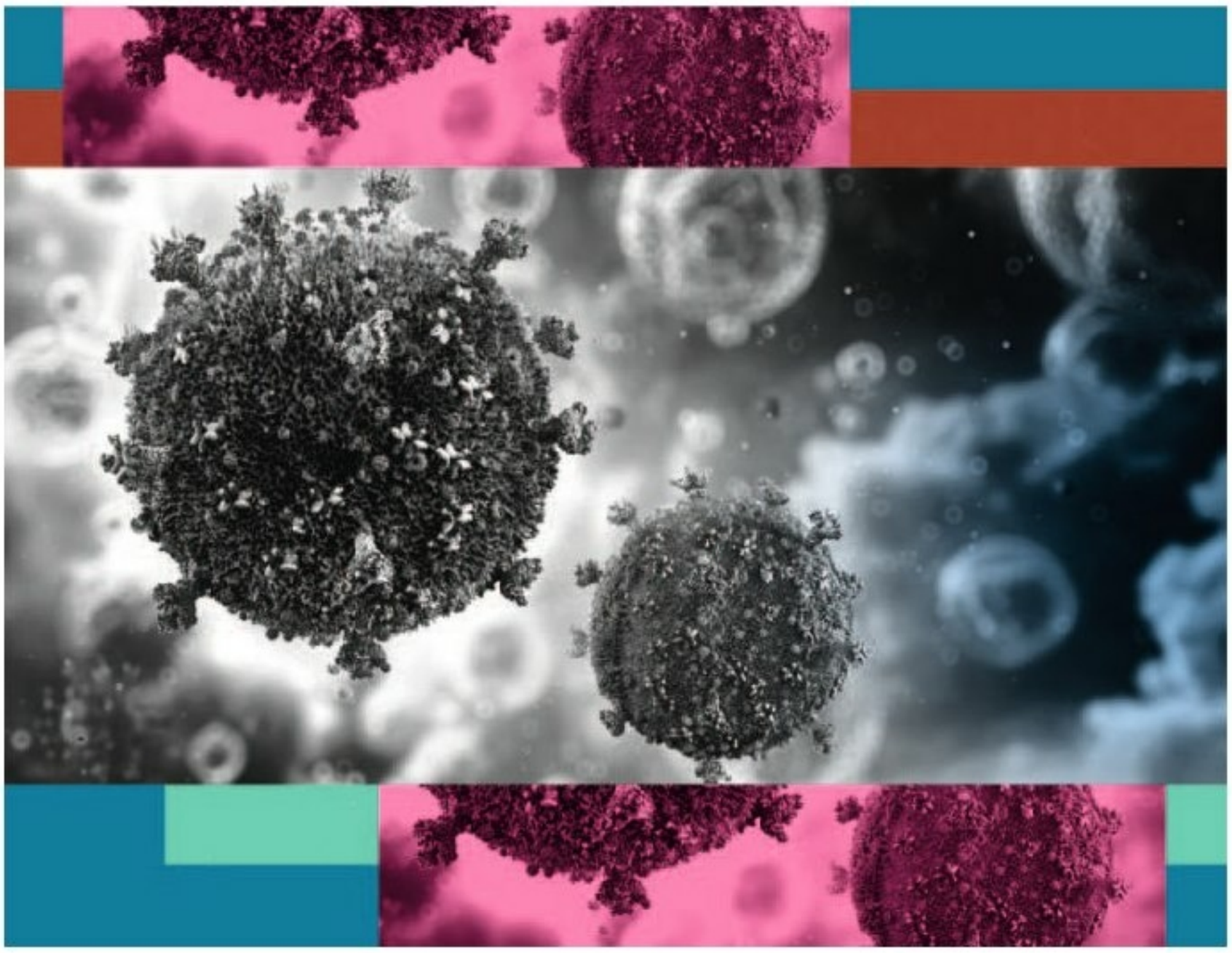
UM GRUPO RELATIVAMENTE PEQUENO de indivíduos é responsável por grande parte dos comentários tóxicos e das informações falsas propagadas nas redes sociais e em fóruns online. Foi o que constatou um estudo ① publicado por psicólogos da Universidade Stanford, que analisaram dezenas de milhares de contas, posts e comentários deixados no Reddit e no Facebook. Eles descobriram que 3,1% das pessoas, no Reddit, eram responsáveis por 33% de todos os comentários tóxicos publicados na plataforma. No Facebook, apenas 8,5% dos usuários compartilham *fake news* – e uma fração bem pequena, 0,5%, propagou dez ou mais posts desse tipo. São números muito abaixo dos imaginados pelas pessoas: um grupo de centenas de voluntários, que foram entrevistados pelo estudo, disse acreditar que quase 50% dos usuários das redes são *trolls*. *(Bruno Garattoni)*

3,39

MILHÕES de pessoas. Essa foi a redução populacional da China em 2025, segundo dados oficiais. O número de nascimentos no país, 7,9 milhões, foi equivalente ao registrado em 1738, quando a China tinha apenas 150 milhões de pessoas. A taxa de natalidade está em 1 filho por mulher (seriam necessários 2,1 para manter a população estável). Nesse ritmo, o país chegará a 2100 com menos de 600 milhões de pessoas. (*BG*)

Robô faz cirurgias sozinho

UM ROBÔ criado pela Universidade Johns Hopkins realizou oito cirurgias ② de remoção da vesícula biliar em cadáveres de porcos, com 100% de sucesso. Ele aprendeu a fazer isso assistindo a vídeos desse tipo de cirurgia (que é laparoscópica, feita introduzindo um pequeno tubo no abdômen). A máquina é diferente dos robôs cirúrgicos atualmente usados em hospitais, que dependem de controle humano. (*BG*)



HIV CRIA MUTAÇÕES PARA DRIBLAR O LENACAPAVIR

Vírus desenvolve resistência se novo remédio for utilizado sozinho, aponta estudo.

O LENACAPAVIR (Sunlenca), do laboratório americano Gilead Sciences, é um antiviral com 96% de eficácia contra a infecção pelo HIV. Diferentemente dos remédios hoje usados na "profilaxia pré-exposição" (PrEP), para evitar contaminação pelo vírus, ele só precisa ser aplicado (via injeção) uma vez a cada seis meses. Essa característica tem atraído elogios da comunidade científica e da mídia (como na reportagem de capa da *Super* no mês passado). Mas há um porém. As atuais terapias PrEP combinam dois antivirais, para evitar que o HIV crie resistência: se alguns vírions (unidades do vírus) sobreviverem a uma droga, a outra os mata. A bula do lenacapavir afirma que ele deve ser utilizado com outros antivirais (como o dolutegravir, de uso diário, ou o cabotegravir, bimestral). Se isso não for feito, o HIV pode adquirir resistência. É o que mostra um novo estudo ③ publicado por cientistas da própria Gilead, que cultivaram 40 amostras de HIV em laboratório, expondo-as somente ao lenacapavir. Resultado: o vírus adquiriu "alta resistência" à droga. Há uma atenuante. Algumas das mutações envolvidas também atrapalharam a replicação do HIV – o que pode dificultar a propagação social de eventuais variantes resistentes. (*BG*)

"Não beba no café da manhã",

DECLAROU o médico Mehmet Oz, diretor dos Centers for Medicare & Medicaid (CMS), um dos principais órgãos de saúde estatais dos EUA. Oz, que ganhou fama por ter um programa de TV e foi nomeado para o cargo por Donald Trump, estava comentando as novas – e controversas – diretrizes nutricionais propostas pelo governo americano. Elas estimulam o consumo de gordura, e são mais permissivas com o consumo de bebidas alcoólicas (não trazem mais o limite recomendado anteriormente, de uma dose por dia para mulheres e duas para homens). (*BG*)

Ilustração ⓐ Midjourney. **Fotos** Getty Images. **Fontes** ① "Americans overestimate how many social media users post harmful content"; ② "SRT-H: A hierarchical framework for autonomous surgery via language-conditioned imitation learning"; ③ "Lenacapavir treatment-emergent HIV-1 capsid resistance mutations are frequently associated with replication defects".

Ao apresentar o Grammy, a cantora Cher se confundiu – e deu o prêmio a Luther Vandross, falecido em 2005.

ENQUANTO ISSO...

Texto Bruno Garattoni
Ícones Cristielle Luise

Astrônomos encontraram um planeta, o HD 137010b, que fica a 150 anos-luz da Terra e pode reunir condições compatíveis com a vida Ⓐ.

Um estudo apontou que mais de 50% da longevidade de uma pessoa é determinada por fatores genéticos Ⓑ.

Uma análise dos dados médicos de 130 mil pessoas indicou que o uso prolongado de melatonina pode aumentar o risco de doenças cardíacas Ⓒ.

Pesquisadores descobriram que as plantas rasteiras do Cerrado podem viver mais de 100 anos Ⓓ.

MAIS RICOS VACINAM MENOS OS FILHOS NO BRASIL

Quanto mais alta a classe social, maior a hesitação vacinal.

A HESITAÇÃO VACINAL, em que a pessoa reluta em vacinar a si própria e/ou a seus filhos, é mais frequente entre as classes sociais mais altas no Brasil. É o que revelam vários estudos ④ realizados sobre o tema. Conversamos com a socióloga Marcia Couto, professora da Faculdade de Medicina da USP e autora de alguns desses trabalhos, para entender.

As classes mais altas têm mais acesso a educação e informação. Apesar disso, hesitam mais em se vacinar. Por quê?

Nossos trabalhos apontaram algumas características específicas das famílias de alta renda e escolaridade. A primeira é o controle, elas acreditam que podem ter um controle individual dos riscos à saúde. A segunda é uma ideia de que, ao personalizar os cuidados de saúde dos seus filhos, elas podem prescindir de medidas sanitárias públicas. E a terceira é uma ideia de que a adoção de estilos de vida mais naturais levaria as crianças a não necessitar de vacinas.

Durante a pandemia, a recusa à vacinação virou um instrumento político. Isso estimulou a hesitação vacinal também nas classes mais baixas?

Sim. A pandemia vai expressar, sobretudo aqui no Brasil, que já vivia uma polarização político-ideológica, crises de confiança e disputas morais e políticas. A gente teve um governo que era claramente negacionista e antivacina. Então, tudo isso implicou um aumento dessa crise de desconfiança institucional.

A pandemia só acabou graças às vacinas. Mesmo assim, a hesitação vacinal persiste. Por quê?

A hesitação vacinal se alimenta de mitos construídos e disseminados na internet e nas redes sociais. Há três mitos gerais. O primeiro é de que a vacina contra sarampo pode causar autismo. Esse mito surgiu no final da década de 1990, com um artigo fraudulento publicado na revista *The Lancet*, que levou 12 anos para tirar esse artigo de circulação. O segundo ponto é o paradoxo do sucesso vacinal. Com o sucesso das vacinas, as pessoas passam a ter mais medo dos efeitos adversos do que da própria doença. E o terceiro mito é a ideia de imunidade natural, de que seria preferível você contrair a doença, porque isso geraria uma imunidade mais forte.

As elites concebem que o seu acesso a cuidados de saúde tira delas a necessidade de se vacinar. Mas a vacina só funciona quando atinge patamares muito elevados de imunização na sociedade, em torno de 90%, 95%. Então, a gente não pode ter grupos que acham que não precisam se vacinar, que a sua liberdade individual está acima do dever sanitário de proteção coletiva. *(Bruno Garattoni)*

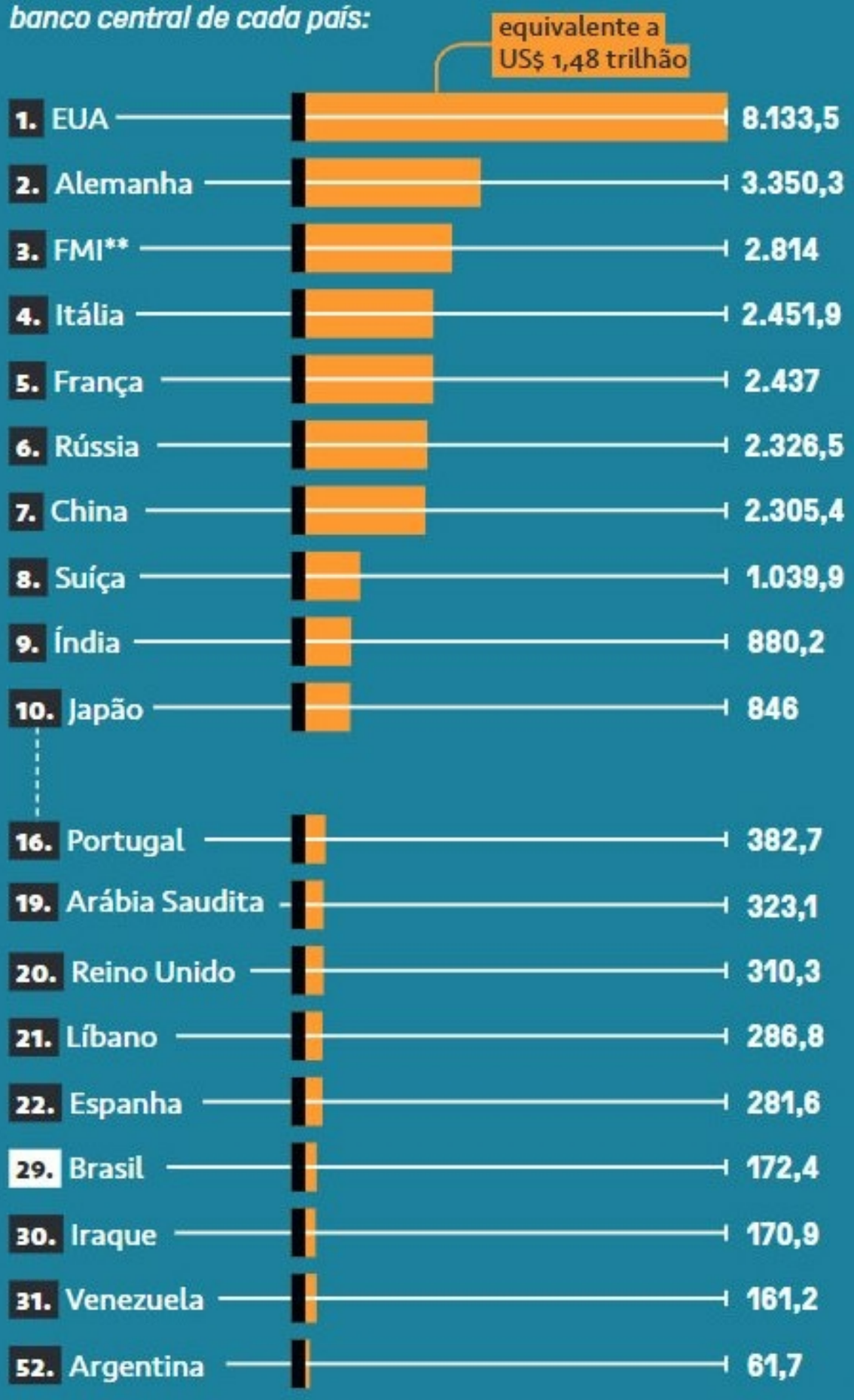
Fontes Ⓐ Universidade do Sul de Queensland; Ⓑ Instituto Weizmann; Ⓒ American Heart Association; Ⓓ Esalq.

Bancos centrais têm 36 mil toneladas de ouro guardado

Incerteza tem levado países a comprar esse metal, no mercado financeiro, para compor suas reservas.

QUEM TEM MAIS OURO

Toneladas em poder do banco central de cada país:



QUEM MAIS APOSTA NELE (OU NÃO)

Percentual das reservas internacionais investido em ouro:

QUEM ESTÁ COMPRANDO

*Toneladas adquiridas pelo banco central de cada país em 2025****

Fonte World Gold Council.

*Pela cotação de 27/01/2026. ** Reservas do Fundo Monetário Internacional. ***Entre janeiro e setembro de 2025 (dado mais recente disponível).

70%

DOS 256 milhões de músicas disponíveis no Spotify têm um *popularity score* equivalente a zero – ou seja, elas nunca foram ouvidas. A descoberta é de um grupo de hackers não identificados, que obtiveram uma cópia ilegal do banco de dados do serviço. O material foi publicado no site Anna's Archive, que reúne conteúdo pirata e cujos donos estão sendo procurados pelo FBI. Mas ele também vem servindo de fonte para empresas de IA, como a chinesa DeepSeek, que admitiu ter baixado 1 milhão de e-books do site para treinar seus algoritmos. *(BG)*

Fonte ④ "'Eu vivo num mundo muito burguês, não moro na periferia': não vacinação infantil e a intersecção entre raça, classe e gênero"; "Desigualdades sociais da cobertura vacinal aos 24 meses – coorte de nascidos vivos em 2017-2018: Inquérito Nacional de Cobertura Vacinal, 2020".

3 NOTÍCIAS SOBRE

"Substâncias eternas"

Elas estão cada vez mais onipresentes. Mas também há esperança.

1. Uso em agrotóxico vai parar na Justiça

Os PFAS (per e polifluoroalquis) são compostos químicos que juntam flúor e carbono, com ligações muito fortes entre si. Eles não se decompõem naturalmente. São usados em tecidos, tintas e embalagens de comida. E agrotóxicos: um grupo de ONGs está processando o governo dos EUA por ter liberado a comercialização do isocicloseram, um inseticida que contém PFAS. Ele é vendido no Brasil desde 2023. *(BG)*

2. Contaminação de baleias está diminuindo

O nível de PFAS no organismo das baleias do Atlântico Norte caiu 60% entre 2001 e 2023. A conclusão é da Universidade Harvard, que analisou 271 amostras de fígado e músculo coletadas ao longo desse período ⑤. Segundo os cientistas, a contaminação diminuiu porque vários tipos de PFAS (como o PFOA, que era usado em panelas antiaderentes até 2013) deixaram de ser produzidos. *(BG)*

3. Novo filtro é 100 vezes mais eficaz

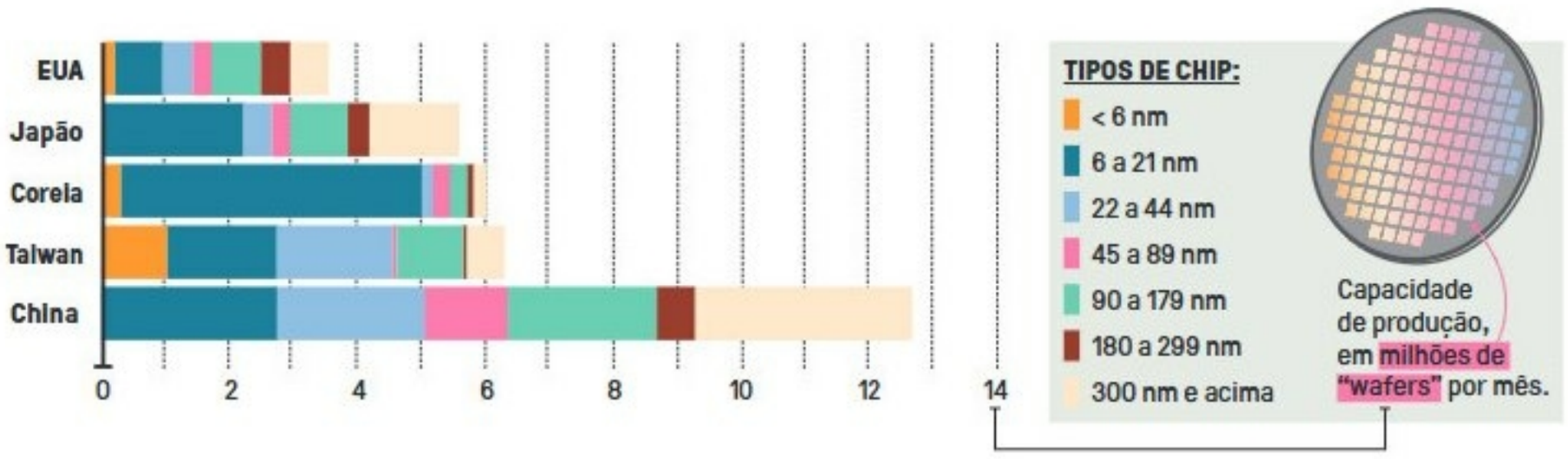
Ele foi desenvolvido ⑥ pela Universidade Rice, nos EUA, é feito de cobre e alumínio e consegue destruir 100 vezes mais PFAS do que as tecnologias atuais. Segundo seus criadores, o filtro poderia ser instalado em estações de tratamento de água. O processo transforma os PFAS num composto de flúor e cálcio que não é tóxico, e pode ser descartado em aterros sanitários. *(BG)*

IA pode distorcer pesquisas online

Boa parte das pesquisas científicas que envolvem a opinião de voluntários (como estudos de psicologia, por exemplo) faz isso pela internet. Os cientistas adotam medidas para impedir a participação de bots – mas elas podem se tornar ineficazes. Um pesquisador da Universidade Dartmouth, nos EUA, criou uma IA ⑦ que se mostrou capaz de enganar, com 99,8% de sucesso, 139 "testes de humanidade" online (inclusive os do tipo Captcha, em que você precisa clicar em imagens, e outros mais sofisticados). No futuro, isso pode comprometer estudos que dependam de pesquisas online *(BG)*

China já domina a produção de chips

Taiwan lidera nos modelos mais avançados, com circuitos menores do que 6 nanômetros.



Fonte "The chip landscape – geographical distribution of wafer fabrication capacity", OCDE.

PARAR USO DE CANETA LEVA A REGANHO DE PESO

Wegovy, Ozempic e Mounjaro têm efeito temporário, aponta estudo.

QUANDO AS PESSOAS param de utilizar os medicamentos "análogos de GLP-1", como Ozempic, Wegovy e Mounjaro, elas geralmente voltam a engordar – e acabam recuperando todo o peso que haviam perdido. Isso já é sabido há algum tempo: a reportagem "O outro lado do Ozempic", publicada pela *Super* em maio de 2023, apresentou o primeiro estudo a constatar esse efeito. Agora, um trabalho gigantesco confirmou o problema. Cientistas da Universidade de Oxford analisaram ⑧ os dados de 37 estudos, que acompanharam ao todo 9.341 pessoas (das quais 6.322 utilizaram esses medicamentos) ao longo de um ano. Os pacientes tomaram semaglutida (princípio ativo do Ozempic e do Wegovy) ou tirzepatida (Mounjaro) por cerca de 10 meses – e emagreceram em média 8,3 kg durante esse período. Assim que pararam, voltaram a engordar, e já estavam 4,8 kg mais pesadas um ano depois. A análise apontou que 20 meses após cessarem os remédios, em média, as pessoas já haveriam voltado ao peso original. (*BG*)

Amazon vai usar cobre extraído por bactérias

A EMPRESA ASSINOU CONTRATO com a Nuton (subsidiária da Rio Tinto, uma das maiores mineradoras do mundo) para adquirir cobre extraído de uma mina no Arizona – onde isso será feito usando bactérias cultivadas pela Nuton. O minério presente no local é muito misturado, o que tornava economicamente inviável a extração do cobre. Porém, segundo a empresa, as bactérias (que serão pulverizadas sobre fragmentos de rocha extraídos da mina) conseguem decompô-lo e recuperar até 85% do metal. A Nuton pretende entregar 14 mil toneladas de cobre, ao longo dos próximos quatro anos, para a Amazon – que irá usar o metal na fiação dos seus datacenters. (*BG*)

NÃO É BEM ASSIM...

Notícias que bombaram por aí – mas não são verdade

A NOTÍCIA

Cheiro ruim ajuda a tratar Alzheimer

O QUE ELA DIZIA

Cientistas da Universidade Johns Hopkins descobriram que o sulfeto de hidrogênio, gás que dá ao pum seu odor característico, pode reverter sintomas neurocognitivos do Alzheimer.

A VERDADE

O tal estudo ⑨ (que é de 2021, mas voltou a rodar a internet em janeiro) foi feito em ratos, cujo uso em pesquisas sobre Alzheimer é muito questionado – porque esses animais não desenvolvem a doença. Os ratos são alterados geneticamente para que seus cérebros formem placas de proteína beta-amiloide, encontradas em pessoas com Alzheimer. Mas a ciência ainda não sabe se essas placas causam a doença (inclusive porque removê-las, em humanos, não reverte os sintomas). Em um estudo feito nos EUA com 1.671 idosos, 41% dos voluntários acima de 80 anos apresentavam as placas – mas nenhum deles tinha Alzheimer ⑩. (*BG*)

Fontes ⑤ "Large declines in organofluorine contamination indicated by subarctic marine mammal tissues"; ⑥ "Regenerable water remediation platform for ultrafast capture and mineralization of per- and polyfluoroalkyl substances"; ⑦ "The potential existential threat of large language models to online survey research"; ⑧ " Weight regain after cessation of medication for weight management: systematic review and meta-analysis"; ⑨ "Hydrogen sulfide is neuroprotective in Alzheimer's disease by sulfhydrating GSK3β and inhibiting Tau hyperphosphorylation"; ⑩ "Prevalence and outcomes of amyloid positivity among persons without dementia in a longitudinal, population-based setting".

Diabolus in musica

Com o recorde de 16 indicações ao Oscar, *Pecadores* se passa em uma *juke joint* – tipo de bodega com música ao vivo que servia de refúgio para os agricultores negros da foz do Rio Mississippi. Conheça algumas delas.

Texto Bruno Vaiano · **Design** Rafaela Reis

THREE FORKS
Greenwood

Conta-se que o músico Robert Johnson vendeu a alma para o demônio em troca de seu talento. Fundou o "clube dos 27" (do qual Amy Winehouse, Jimi Hendrix e Kurt Cobain fazem parte) com sua morte precoce, em 1938. A hipótese mais aceita culpa uma dose envenenada de uísque – vingança por talaricar a esposa do dono do Three Forks.

DOCKERY
Bessemer

Latifúndio no condado de Sunflower, onde viviam 35 mil agricultores negros nos anos 1920. Eles se divertiam com violões trazidos por trabalhadores mexicanos – o instrumento chegou nos anos 1890 via América espanhola. Charley Patton, o pai do blues, fez sua fama nas festas da fazenda. Ícones do gênero visitavam o local para aprender com ele.

CLUB EBONY
Indianola

B.B. King – que tem para o blues a importância de Cartola para o samba – cresceu em plantação de algodão. Ia à espelunca de John Jones porque "ele nos deixava entrar [*durante a semana*] e só pagávamos no sábado". Jones morreu em 1950, e a estalagem passou por várias mãos até 2008, quando o próprio King comprou e reformou o local.

BLUE FRONT CAFE
Bentonia

Alega ser a mais antiga juke joint em operação. Em 2021, a banda Black Keys gravou lá o clipe de "Crawling King Snake", um blues de autoria desconhecida dos anos 1920 cuja versão mais famosa talvez seja a gravada pelo Doors no álbum *L.A. Woman*. No palco do café nasceu um estilo de tocar violão chamado Escola de Bentonia.

GIP'S PLACE
Cleveland

Foi o rolê caseiro mais longo do mundo. O anfitrião, Gip Gipson, fez as primeiras jam sessions em seu quintal em 1952 – e repetiu o encontro todos os sábados até morrer, aos 99 anos, em 2021. A essa altura, sua varanda havia se tornado um bar. E, acredite, ele nunca regularizou o estabelecimento: em 2013, a polícia tentou fechá-lo.

PÉROLAS DO STREAMING

FILME

Domando o Destino (2017)

Claro Video, Prime Video e Apple TV (para alugar)

Após um acidente, um jovem caubói se vê perdido por não poder mais participar de rodeios. Aqui, Chloé Zhao (indicada ao Oscar de 2026 por *Hamnet*) se destaca pela direção de atores não profissionais: o caubói Brady Jandreau e sua família interpretam versões de si mesmos.

FILME

The Mastermind (2025)

Mubi

A diretora Kelly Reichardt (do ótimo *First Cow*) conta a história de J.B., um desempregado que leva uma rotina mansa. As coisas mudam de rumo quando ele decide roubar, à luz do dia, quadros de um museu da cidade em que vive. Parecia o crime perfeito, com um detalhe: J.B. é um paspalho, e tudo dá errado.

Imagens Reprodução/Divulgação.

LONGE DE CASA

Hideo deixou o Japão sob a promessa de que iria enriquecer. Mas, ao chegar ao Brasil, ele precisou lidar com um trabalho duro e malpago, a dificuldade em assimilar a cultura local e a frustração de talvez jamais retornar à terra natal. Narrada pelo seu neto, a história da família de Hideo ressoa em milhares de imigrantes e seus descendentes. A obra, vencedora do prêmio Jabuti em 2012 e relançada pela editora Fósforo, tem só 144 páginas – mas a profundidade da escrita de Oscar Nakasato é incrível. (*Rafaela Reis*)

***Nihonjin*, R$ 50.**

No Velho-Oeste

DE UM LADO, O XERIFE E OS SEUS ASSISTENTES. Do outro, os fora da lei. E, correndo por fora, os renegados. Cada jogador (o máximo são oito) recebe um desses papéis e também uma carta de personagem. Para derrotar os inimigos, é preciso combinar o resultado dos dados, as habilidades de cada personagem e uma dose de sorte. Apesar de ter vários elementos, é um jogo fácil de aprender – e divertido.

***Bang! Dice Game*, R$ 170.**

A volta dos que não foram

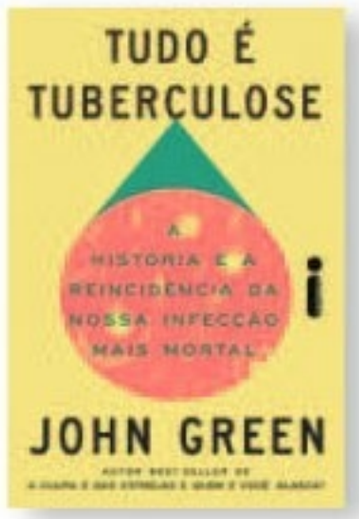
Depois de ser eleito o Jogo do Ano em 2016, *Overwatch* passou por altos e (muitos) baixos. Dez anos depois, o *hero shooter* da Blizzard lançou uma das maiores atualizações até hoje: cinco heróis novos de uma vez e a promessa de um arco narrativo anual, que vai contar a história da ascensão global da maligna Talon por meio de eventos, animações, quadrinhos e mais. (*Leo Caparroz*)

***Overwatch*. Para PC, Nintendo Switch, Xbox e Playstation. Grátis.**

"Apesar desse rigor implacável, pouco a pouco aprendi a reconhecer que essa linguagem tão precisa da matemática tem uma rara elegância",

ESCREVE o número *pi*. Ou melhor, os autores Mahsa Allahbakhshi e Andrés Navas, que se propuseram a um exercício interessante: em um livro de divulgação científica, recheado de ilustrações, contar em primeira pessoa a história da constante matemática mais famosa de todas.

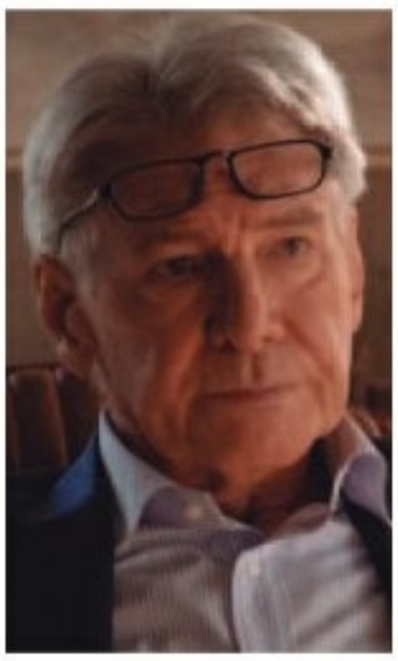
***Pi: Uma Autobiografia Infinita*, R$ 79,90.**



EM TODO LUGAR

John Green, de *A Culpa É das Estrelas*, tem um pé na não ficção. Ao conhecer um jovem internado com tuberculose em Serra Leoa, ele se tornou uma voz ativa sobre as desigualdades que tornam a doença a mais mortal de todas. Aqui, Green reúne histórias curiosas para mostrar de que forma a tuberculose moldou o mundo – e que é possível eliminá-la. (*Leo Caparroz*)

***Tudo É Tuberculose*, R$ 69,90.**



SÉRIE

Shrinking (2023-)

Apple TV+

Comédia com doses de drama sobre o psicólogo Jimmy (Jason Segel), que trabalha na clínica de Paul (Harrison Ford). Para superar o luto após a morte da esposa, ele resolve mudar radicalmente a abordagem com os pacientes – o que nem sempre termina bem. Série espirituosa que convida a dar mais atenção à saúde mental.

CANAL

Terminal Passage

YouTube

Você ouve música para trabalhar ou estudar? Então explore este canal, que reúne álbuns e performances para deixar tocando de fundo (ou, claro, curtir com calma). O foco é jazz fusion (mistura de jazz com outros gêneros, como funk, rock e R&B) dos anos 1970 e 1980. O bônus é que muitas faixas você não encontra no Spotify.

O retorno do Virtual Boy

Ele foi o maior fracasso da história da Nintendo. Mas também era interessante – e, agora, renasce na forma de um acessório para o Switch.

Texto *Bruno Garattoni* ***Design*** *Rafaela Reis*

Na década de 1990, a indústria de games ficou obcecada com a realidade virtual (RV). Só que o hardware da época não tinha, nem de longe, a capacidade de processamento necessária para isso. Depois de anunciar seu capacete de RV e enrolar por alguns anos, em 1994 a Sega desistiu de lançar o produto – a desculpa da empresa, hilária, foi que o Sega VR era "realista demais". Mas a Nintendo foi adiante. Em julho de 1995, colocou no mercado o Virtual Boy, um console totalmente dedicado à realidade virtual. Ele tinha gráficos tridimensionais, o que chamava a atenção – mas eram monocromáticos, na cor vermelha. Não emplacou. A Nintendo vendeu apenas 770 mil unidades do console antes de descontinuá-lo, em 1996.

Agora, o Virtual Boy está sendo relançado na forma de um acessório, de US$ 100, para os consoles Switch e Switch 2. Também haverá uma versão mais barata, de papelão, que irá custar US$ 25. Em ambos os casos, o funcionamento é o mesmo: basta acoplar o dispositivo ao Switch e soltar os joy-cons para jogar 14 títulos do Virtual Boy, incluindo *Tetris* e *Mario Tennis* (é necessário assinar o serviço Switch Online). Segundo a Nintendo, o acessório só será vendido nos EUA e no Canadá.

Todos em um

QUEM TEM MAIS DE UM CONSOLE DE GAMES se depara com um problema: cada um deles requer seu próprio fone de ouvido sem fio (não existem modelos universais). Mas os fones Logitech Astro A50X Lightspeed quebram essa barreira: funcionam em PlayStation e Xbox, além de PC e Mac. Seus alto-falantes são feitos com uma liga de grafeno, o que melhora a qualidade de áudio. Só não são baratos: custam R$ 2.250 – ou R$ 2.650 na versão com as cores da equipe McLaren [*veja ao lado*].

Viagem no tempo

A CÂMERA Fujifilm Instax Mini Evo Cinema chama a atenção pela aparência, que lembra as filmadoras Super 8 dos anos 1960. Mas não se limita a essa era. Um botão giratório permite selecionar entre dez filtros de imagem – que deixam as fotos e os vídeos (clipes de até 15 segundos) com a cara típica das décadas de 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010 ou 2020. Dá para fotografar e filmar digitalmente, e transferir os arquivos para o seu celular ou imprimir imagens na própria câmera, que aceita papel fotográfico do padrão Instax. Ela tem memória para 50 fotos ou 10 vídeos (expansível via cartão microSD) e custa US$ 410.

Dez mil miliamperes

O WIN, da marca chinesa Honor (que era parte da Huawei, mas se tornou independente em 2020), é o primeiro celular a oferecer essa enorme capacidade de bateria, suficiente para dois a quatro dias. É o dobro do Galaxy S25 Ultra (que tem 5.000 mAh) e supera com folga outros modelos chineses, que ficam entre 6.500 e 7.000 mAh. O Honor pesa 229 g (o mesmo que um iPhone 16 Pro Max), tem tela OLED de 6,8", chip Snapdragon 8 Elite Gen 5 e custa entre R$ 3.200 e R$ 4.100 na China (dependendo da quantidade de RAM e armazenamento).

UM WALL-E DISFARÇADO

Na China, o robozinho Zeroth W1 é vendido com as cores do personagem Wall-E – sua fabricante, uma startup chinesa, fez um acordo com a Disney. Ele não é válido para os EUA, onde o robô será lançado numa versão levemente descaracterizada [*veja acima*]. Ele tem 68 cm de altura, pesa 28 kg e consegue acompanhar o dono pela casa, carregar objetos, tirar fotos e participar em jogos simples. Ou seja, é um brinquedo – de US$ 5.599.

VOCÊ DECIDE

Os projetos mais interessantes do mundo do crowdfunding

Bolsa eletrônica

kickstarter.com

Projeto Infinity
O que é Uma bolsa com tela embutida. Ela foi criada pela startup francesa Peuty, é feita de couro e mede 27 x 27 x 15 cm (largura x altura x profundidade). Sua frente é revestida por uma tela OLED flexível, na qual é possível exibir imagens e texturas – segundo os criadores da bolsa, ela virá com algumas opções pré-programadas e será possível adicionar outras por meio de um app.
Quanto Já arrecadou
US$ 16 mil
Chance ●●○○○

Com mais foco

indiegogo.com

Projeto TCL Note A1 Nxtpaper
O que é Um tablet para estudar. Ele roda uma versão simplificada do Android, com menos distrações, vem com caneta, e sua tela de 11,5" usa a tecnologia Nxtpaper, que simula a textura e a estabilidade das telas de papel eletrônico, mas com a vantagem de ser uma LCD – e, por isso, exibir imagens coloridas com muito mais qualidade.
Quanto Já arrecadou
US$ 1,2 milhão
Chance ●●●●○

Fotos Reprodução/Divulgação.

CAPA

Em busca do TÉDIO P

Texto **Maria Clara Rossini**

Design **Cristielle Luise**

ERDIDO

Ilustração **Gustavo Magalhães**

Às vezes, tudo o que você precisa é não fazer nada. Entenda por que ficar entediado é uma vantagem evolutiva – e como o celular atrapalha esse processo. Saiba, também, como aproveitar o tempo ocioso para ser mais criativo e encontrar sentido na vida.

EM 2014, 55 estudantes se inscreveram em um experimento em troca de créditos na faculdade ①. Seria moleza: cada participante deveria ficar 15 minutos sentado em uma cadeira sozinho, sem fazer nada, nem mesmo cochilar.

O único objeto com o qual se poderia interagir nesse intervalo era um botão. Quando apertado, eletrodos conectados nos calcanhares dos voluntários disparavam um choque. Eles sabiam disso, e a decisão de apertar ou não o botão cabia a cada um.

Os estudantes já haviam sentido a intensidade da descarga elétrica em uma fase anterior do estudo e aprenderam que ela não era nada agradável. A maioria deles disse que pagaria para não sentir a dor novamente. Não havia motivo, então, para apertar o botão de graça.

O que aconteceu nesses 15 minutos surpreendeu os pesquisadores: 71% dos homens e 26% das mulheres participantes apertaram o botão pelo menos uma vez. Um voluntário fora da curva se deu o choque 190 vezes – média de um a cada cinco segundos. O Super Choque em pessoa.

"Como o estudo é anônimo, infelizmente não tínhamos acesso ao contato dele. Eu adoraria ter feito algumas perguntas", brinca Erin Westgate, professora de psicologia da Universidade da Flórida e uma das autoras da pesquisa. "Eu sempre me pergunto se ele se reconhece, se sabe que é mencionado tantas vezes por aí."

O estudo ficou famoso não só pelo caráter cômico mas também porque

revela algo sobre as pessoas: muitos de nós preferem sentir um estímulo negativo do que estímulo nenhum. Essa ideia é corroborada por outro experimento ②, em que os participantes também tinham a oportunidade de dar choques em si próprios enquanto assistiam a filmes classificados em três tipos: tristes, neutros ou entediantes. O último grupo foi o que mais sentou o dedo no botão.

Não é todo mundo que tem um dispositivo de choque à disposição para quebrar o tédio. Mas existe algo muito mais prazeroso guardado no bolso da calça, que usamos para passar o tempo em momentos que vão desde pausas curtas no banheiro até as longas tardes de domingo.

O mundo passa em média 33,5 horas por semana consumindo mídia online, o que inclui vídeos no TikTok, notícias e séries da Netflix ③. Já a média brasileira é 53,5 horas, o que nos torna o quarto país com maior tempo de tela (ficamos atrás apenas de Quênia, Filipinas e México). Difícil encontrar um momento ocioso em que não estamos com a cara grudada na tela.

É de imaginar que estaríamos mais entretidos do que nunca. Afinal, temos uma quantidade praticamente infinita de conteúdos online, que não conseguiríamos consumir nem em centenas de vidas. Mal lembramos como era encarar o teto na fila do banco ou da lotérica (afinal, até a presença física nesses lugares é dispensável na maioria dos casos). O médico atrasou? O Insta dá conta do tédio no consultório.

Mesmo assim, pesquisas recentes mostram que o desinteresse está em alta – e que a busca imediata para sanar o tédio pode gerar um ciclo nocivo de retroalimentação. Separe alguns minutos para entender como os momentos de tédio e de ócio podem fazer bem, se você souber como usá-los.

Nossa mente sempre está buscando algo para focar. O tédio é um sinal de que a atenção não está direcionada para algo significativo.

O lado interessante do tédio

O tédio é insuportável – e é importante que seja assim. "Ele faz um ótimo trabalho em nos fazer trocar de atividade, ir procurar outra coisa", diz Westgate, que é uma das maiores especialistas em tédio do mundo. Para a pesquisadora, uma possível explicação evolutiva para esse sentimento está em algo chamado "Problema do Quarto Escuro". Vamos explicar.

O principal objetivo do cérebro é prever o que vai acontecer. Isso vai desde coisas simples como "se eu estender minha mão, conseguirei pegar o graveto que está na minha frente" até "se eu fizer silêncio, esse predador não irá acordar". Criar modelos cada vez mais precisos sobre como o mundo funciona faz parte da nossa evolução.

Se aquilo que achamos que vai acontecer não bate com o que de fato acontece, há um erro de previsão – o que, ao longo da Pré-História, poderia colocar nossa vida em risco. Há duas maneiras de minimizar esse erro: ficar melhor nas previsões sobre o mundo ou se colocar em um lugar extremamente previsível, tipo o quarto branco do *BBB* (a analogia também funciona com um quarto escuro – o que importa é que nadinha de nada aconteça).

53

horas por semana. É quanto o brasileiro passa consumindo mídia online.

Fontes ① artigo "Just think: the challenges of the disengaged mind"; ② artigo "Self-inflicted pain out of boredom"; ③ Digital 2026 Global Overview Report.

Nesse suposto quarto, a reprodução e o aprendizado em contato com o mundo não seriam viáveis. É um beco sem saída evolutivo. Além disso, é uma opção bem mais entediante do que resolver aprimorar a capacidade preditiva. "O que nos impede de cair na armadilha do quarto escuro? Eu acho que a resposta é o tédio", diz a pesquisadora. Ele nos motiva a sair e interagir com o mundo. O tédio foi importante para nossa sobrevivência. E, de certa forma, talvez ainda seja.

Para os humanos modernos, sentir tédio funciona como uma notificação mental que diz "essa coisa que está capturando sua atenção não é significativa o suficiente". É um motorzinho que faz você querer mudar de foco – seja buscando alguma outra atividade ou simplesmente sacando o celular.

Quando não há um estímulo externo que demande sua atenção (como na longínqua fila do banco), é possível que esse motor leve sua mente para um estado chamado "Rede de Modo Padrão" (*Default Mode Network*, em inglês). Você a conhece. É o devaneio. O sonhar acordado. Viajar na maionese.

As regiões do cérebro não funcionam isoladamente. Elas agem em sincronia, às vezes formando padrões que se repetem em determinadas situações. Em exames de ressonância magnética funcional, é possível observar quais regiões da massa cinzenta estão mais ativas e identificar as combinações que se repetem. Esses padrões cerebrais são denominados *redes neurais*.

Até 30 anos atrás, acreditava-se que o cérebro em descanso não seria lá muito relevante ④. Os estudos de ressonância magnética focavam em analisar as funções cerebrais durante a realização de alguma tarefa. Acontece que, no intervalo entre uma atividade e outra, enquanto o paciente estava sozinho com seus próprios pensamentos, um novo padrão começou a aparecer nos exames.

Em outras palavras, certas partes do cérebro eram ativadas bem no momento em que a pessoa estava brisando. Essas regiões cerebrais eram as mesmas que ficavam em baixa durante a realização de atividades conscientes. Tal conjunto recebeu o nome de Rede de Modo Padrão (RMP), já que representaria o "padrão" da mente quando não estamos fazendo nada.

Essa rede é considerada "oposta" à Rede de Atenção Dorsal, responsável por direcionar a atenção para tarefas externas. É que, na de Modo Padrão, a atenção está voltada para o mundinho interno. É quando temos reflexões sobre nós mesmos, planejamos o futuro e lembramos de memórias passadas.

Um estudo de 2010 aponta que passamos metade do dia na rede padrão ⑤. Ela aparece principalmente durante atividades tão rotineiras que não exigem atenção externa, como tomar banho, lavar a louça ou pegar o ônibus para o trabalho. Se você sai do chuveiro sem ter certeza se passou o shampoo, é porque sua atenção estava voltada para dentro de si.

Não é à toa que ideias geniais ou perguntas instigantes surgem no banho. A psicologia chama isso de efeito de incubação – um processamento inconsciente de pensamentos que pode levar a *insights* criativos.

Estudos de imagem também já mostraram que a Rede de Modo Padrão está relacionada à criatividade ⑥. É por isso que, às vezes, uma caminhada na rua ajuda mais na resolução de um problema do que

O excesso de estímulos parece nos tirar do marasmo, mas é pura ilusão. Na verdade, ele pode criar um ciclo de tédio, que se retroalimenta.

ficar batendo a cabeça na frente do computador. Se essa caminhada for preenchida com tempo no celular, no entanto, o cérebro não entra no devaneio característico da RMP. É preciso pensar na morte da bezerra de vez em quando.

"O celular te dá aquele *dropzinho* de emoção, de dopamina. E esse susto te mantém ali acordado, com a atenção voltada para fora", diz Dráulio Araújo, pesquisador do Instituto do Cérebro da UFRN. "Você viaja muito pouco quando está no celular. É diferente de um livro, que não tem tanto estímulo e te permite divagar."

É difícil afirmar que estamos "sonhando acordados" com menos frequência em comparação a outras épocas. Não há estudos que tenham avaliado isso. No entanto, essa não seria uma hipótese absurda: nossas 53 horas semanais na frente das telas (mais de sete horas por dia) denunciam um padrão. Segundo um estudo publicado em 2020, um dos principais motivos para os jovens sacarem o celular é para, justamente, lidar com o tédio ⑦.

Também sabemos que o consumo de vídeos curtos nos breves descansos entre tarefas está associado a uma piora na memória. Parece óbvio (afinal, quem nunca se perdeu no feed e esqueceu o que ia fazer?). Mas o teste pra valer foi feito por pesquisadores da Universidade Luís Maximiliano de Munique ⑧. Sessenta voluntários deveriam se lembrar de apertar certas teclas de acordo com as palavras que apareciam na tela de um computador. Entre as sessões da tarefa, eles deveriam passar dez minutos usando o Twitter, YouTube, TikTok ou fazendo nada.

O grupo que ficou encarando o teto não apresentou piora na tarefa (na verdade, houve até uma ligeira melhora). Os grupos do YouTube e Twitter também se mantiveram estáveis. Já os que usaram o TikTok erraram 37,5% mais na atividade após acessarem a rede. Em outras palavras: mesmo que suas idas ao banheiro com o TikTok ou Reels pareçam inofensivas, é possível que elas estejam prejudicando sua capacidade de lembrar o que você planejava fazer em seguida.

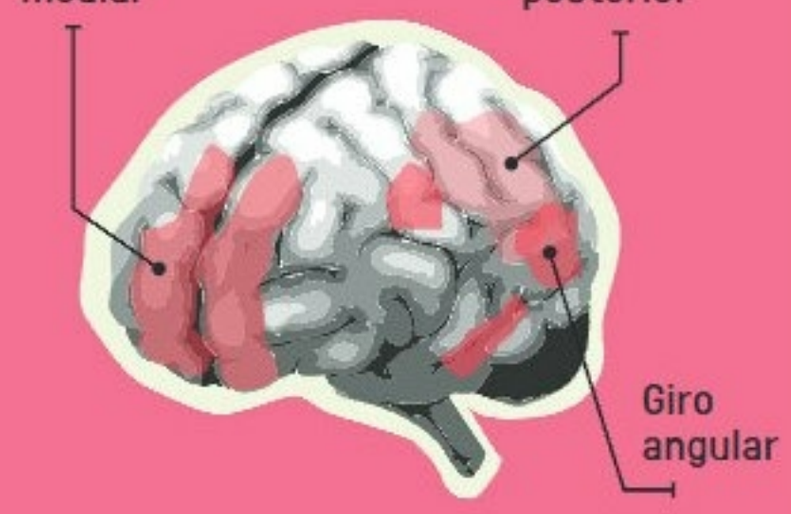
Hiperestimulados

Nesse ponto, nos deparamos com um paradoxo: temos acesso à ferramenta de captura de atenção mais eficiente já criada pela humanidade – e que, à primeira vista, parece estar acabando com a sensação de tédio e desinteresse. Mas um estudo publicado na revista *Nature* em 2024 mostrou que, segundo pesquisas de autorrelato, as pessoas estão *mais*

Fontes ④ artigo "20 years of the default mode network: a review and synthesis"; ⑤ artigo "A wandering mind is an unhappy mind"; ⑥ artigo "Functional realignment of frontoparietal subnetworks during divergent creative thinking"; ⑦ artigo "Bored and online: reasons for using social media, problematic social networking site use, and behavioral outcomes across the transition from adolescence to emerging adulthood"; ⑧ artigo "Short-form videos degrade our capacity to retain intentions: effect of context switching on prospective memory".

Cara de paisagem

As regiões do cérebro trabalham juntas formando padrões cerebrais. Uma delas é a Rede de Modo Padrão, mais conhecida como "sonhar acordado".



FUNÇÕES

- Autorreflexão
- Processamento de memórias passadas
- Planejamento futuro
- Consciência social
- Criação de narrativas

DIMINUI

Atenção direcionada para o ambiente externo e o momento presente.

EXEMPLOS Realização de tarefas do trabalho; socialização com a família.

AUMENTA

Atenção direcionada para dentro de si, pensando no passado ou no futuro.

EXEMPLOS Ter novas ideias durante o banho; "viajar" enquanto caminha na rua.

entediadas hoje em comparação com o início do século. Em especial, os jovens ⑨.

Existem tipos diferentes de tédio. Westgate os classifica em "sabores". Há o tédio inquieto, típico das crianças que inventam brincadeiras. O tédio que você sente em uma reunião que poderia ser um e-mail. Ou o tédio de quando está fazendo algo muito fácil. O sentimento entediante de hoje é bem diferente daquele de antes dos smartphones.

"É contraintuitivo. Você esperaria que a estimulação constante nos deixasse menos entediados", diz Rachel Barr, neurocientista pela Université Laval e autora do livro *Por Dentro da Mente*. "Rolar o feed das redes sociais pode ser associado ao tédio indiferente. É tipicamente alta estimulação e baixo engajamento."

Um estudo de 2022 avaliou o nível de fadiga e tédio de 83 pessoas a cada hora ao longo de um dia de trabalho e notou que elas tendiam a usar mais o celular quando essas duas variáveis estavam em alta. Até aí, nada fora do esperado. A surpresa veio depois: os trabalhadores relataram mais fadiga e tédio após o período no smartphone ⑩.

O artigo da *Nature* também destaca o aumento do tédio como um resultado inusitado. "As mídias digitais podem intensificar o tédio por diversos caminhos. E a atenção dividida parece ser a maior culpada", diz Rachel Barr.

Recapitulando: o tédio aparece quando

não conseguimos focar em algo que faça sentido. Só que a troca rápida de atenção (seja entre vídeos curtos, aplicativos, mensagens ou tarefas no trabalho) nos impede de nos comprometer por tempo suficiente para que uma atividade se torne significativa. "Temos menos momentos desocupados, mas mais tédio como uma emoção de fundo", diz a neurocientista.

Com base em pesquisas anteriores, o estudo da *Nature* também aponta possíveis razões para o aumento do tédio. Uma delas é que, graças às novas formas de consumir conteúdo atualmente, não basta qualquer estímulo para nos manter engajados. Você já deve ter passado pela situação: um filme de duas horas, que antes o mantinha envolvido do início ao fim, de repente parece muito longo e desestimulante. Cada vez mais é difícil resistir ao impulso de pegar o celular durante a sessão.

Esse comportamento é tão comum que já influencia as diretrizes da Netflix ⑪. Alguns roteiristas revelaram casos em que a empresa pediu que eles considerassem a existência de uma "segunda tela" – ou seja, um celular ou tablet na mão do espectador. Em filmes e séries considerados casuais, a audiência deve ser capaz de acompanhar a trama enquanto rola o feed. Dessa forma, os diálogos devem ser mais simples e descritivos, já que a pessoa pode não estar olhando para a TV enquanto "assiste" à série.

Outra possível razão para o aumento do tédio é a falta de sentido e conectividade no que consumimos. Seu feed do Instagram pode alternar entre uma dancinha viral, uma notícia sobre a destruição de Gaza e uma receita de sobremesa. Enquanto jornais, livros e documentários tendem a apresentar os fatos de uma maneira mais aprofundada e narrativa, os feeds nos bombardeiam com pequenos trechos de uma variedade de assuntos.

Uma das maneiras pelas quais o cérebro atua para encontrar sentido é buscando coerência no mundo ao seu redor – e esse não é o forte dos algoritmos. Se abrimos as redes sociais todas as vezes que sentimos uma fagulha de tédio, corremos o risco de cair em um poço sem fundo. "Não há muito incentivo para sair e fazer coisas que, na era pré-digital, o tédio nos motivava a fazer: aprender algo novo, tocar um instrumento, ligar para nossos amigos etc.", diz Rachel Barr.

O celular *parece* estar nos tirando do tédio – mas é cilada, Bino. Barr faz uma analogia entre o tédio e um outro sinal do corpo. "Pense na fome, que sinaliza que você deve comer e nutrir seu corpo para sobreviver. E imagine o *scrolling* como uma refeição que contém zero caloria ou nutriente, mas faz você se sentir cheio. Você ainda está com fome. Só não parece urgente, ou excessivamente desagradável. Você rola a tela, mas sua mente continua com fome."

Aqui entra outro paradoxo: se as tecnologias estão aumentando o nosso tédio, por que é que sentimos estar sobrecarregados e que não sobra tempo para nada?

Quando não há um estímulo externo que demande sua atenção, sua mente pode se voltar para dentro, estimulando a autorreflexão.

(Não) trabalhe enquanto eles dormem

Bertrand Russell, um

Fontes ⑨ artigo "People are increasingly bored in our digital age"; ⑩ artigo "Fatigue, boredom and objectively measured smartphone use at work"; ⑪ texto "Too distracted to watch? Netflix has the perfect 'second-screen' show for you".

dos grandes matemáticos e filósofos do século 20, defendia que o avanço da tecnologia já permitia reduzir a jornada de trabalho para quatro horas diárias sem mudança no salário. Essa ideia está em seu livro *O Elogio ao Ócio*, de 1935.

A promessa de tempo livre como consequência das tecnologias não é nova. Aristóteles acreditava que a automação do trabalho poderia liberar tempo para o ócio, um período em que o indivíduo poderia se dedicar a refletir sobre filosofia, política e matemática [12]. Segundo o pensador grego, isso é o que nos faria realmente humanos.

Não foi o que aconteceu. Propostas de redução de jornada de trabalho sempre caminharam a passos vagarosos. Influencers e coaches na internet vendem rotinas produtivas irreais, com afazeres que começam às 4h da manhã e terminam às 22h. A própria ideia de tempo ocioso, sem nenhuma tarefa, é vista com maus olhos.

Exemplo disso está na própria legislação brasileira com a "lei da vadiagem", proposta em 1941. Ela classifica como contravenção penal "entregar-se habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho", com pena de 15 dias a três meses de reclusão. Ainda que ninguém a aplique hoje, ela jamais foi descartada.

O sociólogo italiano Domenico de Masi tentou reverter essa conotação negativa com o conceito de "ócio criativo". Para ele, o período não produtivo é importante para a criatividade e a busca por significado. Detalhe: o livro que aborda esse tema foi publicado em 1995, quando nem sequer conhecíamos a Rede de Modo Padrão do cérebro. Hoje, as pecinhas se encaixam.

"As pessoas muitas vezes não conseguem relaxar no tempo livre, porque parece que elas sentem culpa por não estar sendo produtivas", diz o psicólogo Lucas Freire, autor do livro *Exaustos: Imaginando Saídas para o Cansaço Diário*. Ele defende a valorização de atividades lúdicas como uma forma de reconexão com nós mesmos e com o mundo ao redor.

"Você vai ver pessoas falando: leia livros que tenham a ver com o seu trabalho; ou transforme seu hobby em um trabalho [...] A ideia de produtividade contínua cria uma atrofia lúdica", diz Freire. De fato: um estudo feito nos EUA mostra que o número de pessoas que leem por puro prazer caiu 40% nos últimos 20 anos [13].

O tédio nos motiva a participar de atividades significativas, estimula a criatividade e incita ideias para entendermos quem somos.

"Quando você transforma as pessoas em commodities que podem ser 'melhoradas', geralmente você as está separando do que realmente importa e faz sentido para elas", diz Erin Westgate. "Viver uma vida extremamente ocupada impede as pessoas de ter que pensar e se engajar com seus próprios pensamentos e sua vida em um nível mais profundo."

Para quebrar essa tendência, segundo Freire, um dos primeiros passos seria recuperar a autonomia da nossa própria atenção. Não ceder ao buraco negro do algoritmo, à cultura da produtividade e à vontade de postar cada passo seu seriam maneiras de encontrar tempo para o ócio.

Aprenda a ouvir

Tempo ocioso não necessariamente leva ao tédio; e o tédio não aparece só nos tempos ociosos. Mas os dois conceitos

têm alguma correlação, na medida em que são convites a experiências significativas. No fundo, o que importa é como você aceita e lida com eles.

"Ouço muita gente falando que precisamos sentir mais tédio, mas não é isso. Acho que só precisamos recuperar o nosso próprio tempo", diz Westgate. "Com sorte, não o usaremos de forma entediante."

Até porque estar entediado com muita frequência pode ser indicativo de que o indivíduo não vê sentido na vida, no trabalho, ou em como passa o tempo livre. Além disso, um aumento excessivo na atividade da Rede de Modo Padrão está associado à ruminação – uma espiral de pensamentos negativos e autojulgamentos característica da depressão ⑭. O importante, como sempre, é o equilíbrio.

O aumento do tédio observado no estudo da *Nature* ⑨ coincide com uma outra tendência entre adolescentes: o sentimento de que a vida não faz sentido. Um levantamento com meio milhão de estudantes estadunidenses pedia que eles avaliassem frases como "a vida normalmente parece sem sentido", "sinto que não consigo fazer nada direito", "minha vida não é muito útil". Em 2010, apenas 12% dos jovens concordavam que algumas dessas frases se aplicavam a eles. Em 2015, já eram 22% ⑮.

O tédio não é bom ou ruim. Em excesso, pode ser uma mensagem de que algo não vai bem. Ao mesmo tempo, quando tentamos eliminar qualquer fagulha desse sentimento – seja pegando o celular ou enchendo a rotina de afazeres –, perdemos a oportunidade de nos conectarmos com o que importa para nós.

No fundo, ele nada mais é do que um sinal do seu corpo em busca de significado. O tédio nos motiva a fazer atividades que tenham sentido; estimula a criatividade para inventarmos algo novo; ou, até, incita reflexões e perguntas difíceis para entendermos quem somos.

Na próxima vez que estiver entediado, resista ao impulso de pegar o celular. Pense no tédio de outrora (o da fila do banco, o da caminhada desconectado). Ele dava espaço para refletir e ouvir o que seu corpo tem a dizer. Pode ser mais interessante do que deslizar o dedo e assistir ao próximo vídeo feito por IA. S

22%

dos jovens acham que a vida não tem sentido.

Fontes ⑫ livro *A política*, de Aristóteles; ⑬ artigo "The decline in reading for pleasure over 20 years of the American Time Use Survey"; ⑭ artigo "Depressive rumination, the Default-Mode Network, and the dark matter of clinical neuroscience"; ⑮ artigo "Increases in depressive symptoms, suicide-related outcomes, and suicide rates among U.S. adolescents after 2010 and links to increased new media screen time".

CULTURA

O QUE ACONTECEU COM A HOLLYWOOD BRASILEIRA?

Texto *Bela Lobato* **Ilustração** *Vanessa Gomes* **Design** *Rafaela Reis* **Edição** *Rafael Battaglia*

Há 20 anos, a cidade de Paulínia investiu milhões de reais para erguer um polo cinematográfico no interior de São Paulo, com o objetivo de estimular o audiovisual do País e atrair produções estrangeiras. Hoje, porém, a maior parte desse complexo está abandonada. Entenda o que deu errado.

BULLYING

Nos anos 2000, uma cidade no interior de São Paulo mobilizou um plano ambicioso. No começo, a Prefeitura fazia exibições gratuitas de filmes em DVD. Depois, vieram os cursos livres de cinema e teatro. Logo havia pequenas mostras, palestras com diretores consagrados – e os canteiros de obras.

Um supermercado virou estúdio de cinema. E, bem na frente da nova Prefeitura, num lote de 12 mil m², foi erguido um cubo de vidro modernista. A fachada destoava do resto da construção: seis pilares decorativos em estilo clássico, a pedido do prefeito. Em cima da enorme porta, um letreiro em uma fonte à la Roma Antiga: "Theatro Municipal de Paulínia".

Paulínia fica a 20 km de Campinas e a 117 km de São Paulo. Na época, tinha 80 mil habitantes (hoje, são 116 mil). O município abriga a Replan, maior refinaria de petróleo do Brasil em capacidade de processamento. A empresa é a principal responsável pelo fato de a cidade ter o quarto maior PIB *per capita* do País. Em termos absolutos, ela é mais rica do que 17 capitais brasileiras.

O teatro, também voltado para a exibição de filmes, ficou pronto em 2008. O então prefeito, Edson Moura, dizia que era necessário diversificar a economia municipal e se preparar para o inevitável fim do petróleo. Se mesmo hoje muitos países resistem à transição energética, 20 anos atrás, no interior de SP, essa argumentação era, no mínimo, ousada.

Mas o orçamento permitia certas extravagâncias. Foram R$ 89 milhões na construção do teatro (R$ 281 mi, em valores atuais), e mais outros tantos milhões nos estúdios, festivais, cursos e editais de financiamento.

Na noite de inauguração do teatro, em 2008, os primeiros resultados pareciam estar à altura do

investimento. Ao contrário do clima pacato rotineiro da cidade, estrelas do primeiro escalão do cinema e da TV brasileira desfilavam pelo tapete vermelho.

Dentro do teatro, o clima era de encanto com os 1.300 lugares e com os sistemas de som e acústica, que estavam entre os melhores da América Latina. A mestre de cerimônias, Fernanda Montenegro, disse: "Ainda que possua igreja, hospital, saneamento, uma cidade sem teatro não é cidade. Paulínia é Paulínia a partir deste teatro".

Foi o início de uma mudança brusca na cidade, que chegou a ser considerada uma Hollywood brasileira (ou Pauliwood, para os admiradores), mas que não se sustentou. Essa é a história de um fenômeno que foi cenário de filmes famosos, palco de estreias históricas e que entrou para o mapa da indústria cinematográfica nacional quase tão rápido quanto sumiu.

Trajes de gala

Em uma noite gelada de julho de 2011, 2 mil pessoas se empoleiravam na frente do Theatro Municipal para o segundo dia do 4º Festival Paulínia de Cinema. Parte da plateia do filme anterior se recusava a liberar os assentos, e um tumulto do lado de fora começava a crescer.

O motivo do caos: às 21h haveria a sessão de estreia de *O Palhaço*, longa-metragem dirigido e estrelado por Selton Mello – e que foi gravado, em grande parte, no polo de Paulínia.

Entre 2007 e 2012, 39 filmes foram produzidos no Polo Cinematográfico de Paulínia, como De Pernas para o Ar , Bruna Surfistinha *e* Chico Xavier .

A solução foi anunciar uma sessão extra às 23h. No dia seguinte, uma terceira sessão se esgotou novamente, às 11h. "Estou colocando um filho no mundo", disse Selton Mello ao *Correio Popular* de Campinas, logo depois da première. "Foi a melhor sessão de cinema da minha vida."

Selton não era o único empolgado. "É chato dizer isto, mas a cidade, pela riqueza, não parece estar no Brasil. É outro país, um Brasil que deu certo", disse o cineasta Fernando Meirelles, em 2006, ao ser convidado pelo prefeito para "conhecer o projeto e dar palpites". "Acho que não existe um teatro igual a este no Brasil", disse o ator Rodrigo Santoro em 2008.

A acústica foi projetada pelo mesmo escritório que se encarregou da Sala São Paulo, na capital paulista, considerada uma das mais modernas salas de concerto do mundo. O sistema de som, por sua vez, era da THX, marca de George Lucas e reconhecida pela fidelidade do áudio.

Além disso, foram construídos quatro estúdios de gravação e um grande estúdio de animação. Trabalhadores do ramo se mudaram para desbravar o local que prometia descentralizar uma indústria focada no eixo Rio-São Paulo.

A essa estrutura se somavam os festivais anuais, com filmes selecionados por um comitê independente. Eles concorriam pelo Troféu Menina de Ouro, além de um prêmio em dinheiro (no primeiro ano, foram R$ 650 mil, distribuídos em 41 categorias).

O que também atraía os profissionais do ramo eram os incentivos para produção. Usando o orçamento turbinado pela Replan, a prefeitura criou chamadas públicas para propostas de filmes.

O primeiro edital distribuiu R$ 9 milhões (R$ 26 mi atuais) entre dez projetos ①. O valor não era suficiente para financiar um filme inteiro, mas era um complemento para tirá-los do papel.

A grana saía dos cofres do Fundo Municipal de Cultura, que recebia 1,5% da arrecadação de dois impostos sobre mercadorias e serviços (o ISS e o ICMS). Em 2009, esse pedacinho era de R$ 15 milhões anuais. O valor

→

representa R$ 43 mi de hoje – o que equivale ao orçamento de 2026 da SPCine, órgão de fomento ao audiovisual da cidade de São Paulo ②.

Os projetos selecionados podiam usar os estúdios de Paulínia, montados por meio de parceria público-privada e seguindo o padrão dos melhores estúdios do RJ e de SP. A contrapartida era que as produções precisavam gastar 50% da verba na cidade e gravar, no mínimo, entre 25% e 50% das cenas na região.

Quanto custa um filme

Para fazer um longa-metragem, leva-se anos e há centenas de profissionais envolvidos, direta ou indiretamente. O plano de Paulínia era fazer a verba do audiovisual girar a economia local. O cadastro de figurantes, por exemplo, tinha mais de 2 mil pessoas. Restaurantes se adaptaram para servir aos bastidores das gravações, e um hotel começou a ser construído.

Cada uma dessas etapas envolvia o recolhimento de impostos. Assim, o dinheiro investido voltava aos cofres públicos. É essa lógica que orienta os instrumentos de fomento à cultura no Brasil, mesmo que com diferentes fins e origens da verba.

Um exemplo: com a Lei Rouanet, sancionada em 1991, o Estado permite que uma parcela do que uma empresa pagaria em impostos seja usada para financiar um projeto cultural escolhido por ela (eventos, exposições, curta-metragens... A lei não inclui longas de ficção, diga-se). Um relatório da FGV sobre a Rouanet apontou que, a cada R$ 1 investido dessa forma, R$ 7,59 circulam na economia – e R$ 1,39 chegam diretamente aos cofres públicos ③.

Embora suscitem polêmicas constantemente, as políticas de financiamento de cultura não são invenção brasileira. Vários países adotam esse tipo de medida, sobretudo para proteger a indústria interna da dominância de Hollywood.

Ao perceberem o poder político e econômico do cinema, alguns países começaram a tratá-lo estrategicamente. A histórias do cinema francês e do sul-coreano – que se destacam no cenário internacional – é marcada pelas cotas de telas. Por décadas, seus governos delimitaram porcentagens mínimas de sessões que deveriam ser reservadas para filmes nacionais (o Brasil também adota cotas de tela, que variam entre 7,5% e 16% das exibições).

Outro incentivo comum é o *cash rebate*. Se uma produção escolhe gravar em determinado lugar, o governo local devolve entre 20% e 40% do que foi gasto na produção.

Budapeste, na Hungria, tornou-se uma das cidades mais filmadas da Europa ao investir em infraestrutura de ponta e crédito fiscal. Não só ela: conjuntos de incentivos, aliados à oferta de mão de obra mais barata que a de Hollywood, têm levado um número maior de produções a filmar no Canadá, no Reino Unido,

na Alemanha... Na última década, o número de produções gravadas em Los Angeles caiu um terço.

O plano original de Moura era tornar Paulínia parte desse clubinho. Os conselheiros do prefeito o convenceram a ir devagar e estabelecer uma base firme, para só depois mirar em atrair produções que pagassem em dólares e euros. Mas não deu tempo.

Tudo o que você podia ser

Quem visita Paulínia hoje sente na boca o gosto do que poderia ter sido. Bem em frente à Prefeitura, o teatro é um elefante branco: está fechado desde a pandemia, tem vidros quebrados, teto interno despencando, goteiras e pilastras tomadas pela ferrugem.

As escolas de cinema não existem mais. O estúdio de animação deu lugar a um espaço da Prefeitura para formação de professores.

Alguns prédios que fariam parte do complexo nunca chegaram a ser utilizados para seus fins originais. Viraram uma delegacia e um Poupatempo (órgão do governo paulista de atendimento aos cidadãos). Já o hotel que começou a ser construído para atender à nova demanda só ficou pronto em 2015, quando já não havia rastro do boom de quatro anos antes.

Os estúdios são uma exceção. A empresa que os construiu – a Quanta, que é dona de outros grandes estúdios no Rio e em São Paulo – manteve a manutenção em dia durante os últimos 14 anos.

Em entrevista à *Super*, o sócio-diretor da Quanta, Hugo Gurgel, disse que os estúdios estão em plena condição de uso – o que depois confirmamos em uma visita às instalações. Gurgel, porém, relata que é difícil atrair produções para a cidade.

Mas, afinal, como é que o plano esboçado na gestão Moura deu errado? Para entender como o cinema da cidade foi →

Em 2011, a convivência em Paulínia favoreceu a criação da Associação Brasileira de Críticos de Cinema, ativa até hoje na defesa do cinema nacional.

de um clima de euforia e esperança para esse baixo astral, vamos voltar no tempo.

Os primeiros quatro festivais de Paulínia aconteceram com sucesso e alcance progressivo. Mesmo que a iniciativa tenha começado caríssima, por conta da estrutura montada do zero, os custos diminuíam a cada ano – e os patrocínios privados só cresciam.

Mas, para muitos paulinenses, os retornos de toda a empreitada não eram imediatos nem óbvios. Muitos ainda não enxergavam uma mudança na qualidade de vida que justificasse o tamanho do investimento.

Em 2012, a Prefeitura estava nas mãos de um adversário político de Edson Moura, José Pavan Jr. Ele pegou a todos de surpresa quando, em uma reunião com jornalistas, anunciou a suspensão temporária dos editais e do festival, alegando que o custo era alto demais, que faltava patrocínio e que o dinheiro seria redirecionado para políticas sociais, como saúde e educação.

O prefeito sustentou a sua decisão em meio à repercussão nacional e uma enxurrada de críticas. Uma frente composta por cineastas, críticos e produtores tentou viabilizar uma edição do festival somente com verbas privadas, sem sucesso.

A decisão de Pavan Jr. de redirecionar os gastos para políticas públicas não fazia tanto sentido diante da administração pública. Um governo não pode passar dinheiro de uma pasta para outra num passe de mágica. Orçamentos municipais são definidos pela Prefeitura e pela Câmara com antecedência e cheios de regras e procedimentos.

À *Super*, a Prefeitura de Paulínia não soube informar se realmente houve uma mudança no direcionamento das verbas naquela época. Mas o orçamento previsto para 2026 ④ dedica proporcionalmente menos dinheiro aos setores de assistência social, saúde, trabalho, educação, cultura, urbanismo e esporte

Depois do fim do Festival, o teatro ainda recebeu peças e outros eventos esporadicamente – mas parou de ser usado de vez na pandemia.

Fontes livro *Paulínia: Uma história de cinema*; ① notícia "Festival de Paulínia atrai nata do cinema brasileiro com prêmios milionários", da *Folha de S.Paulo* de 14/07/2009; ② Lei Municipal de São Paulo, Nº 18.377, de 29 de dezembro de 2025; ③ relatório "Impacto econômico da Lei Rouanet", da Fundação Getulio Vargas; ④ Lei Municipal de Paulínia Nº 4666, de 22 de dezembro de 2025; ⑤ artigo "A territorialização do polo cinematográfico de Paulínia,

do que o que foi efetivamente gasto em 2009 ⑤, no auge do festival.

Embora seja dona do maior PIB *per capita* do estado de São Paulo ⑥, as escolas públicas de ensino fundamental de Paulínia ocupam a posição 331º no ranking estadual (de 645 municípios) ⑦, e de mortalidade infantil, 158º ⑧ – dois indicadores importantes de educação e saúde.

A Prefeitura de Paulínia foi palco de sucessivas mudanças de rumo motivadas por investigações, cassações, liminares e brigas entre aliados. Entre 2009 e 2019, foram 16 trocas de prefeitos.

Um ano após o anúncio do fim do festival e dos editais, Pavan Jr. foi afastado do cargo. A posição foi ocupada pelo filho de Edson Moura, Edson Moura Jr. Em oito meses, ele promoveu apressadamente mais dois festivais – um deles, internacional – e abriu um novo edital para longas.

Mas a retomada durou pouco: Pavan Jr. regressou ao cargo em 2015 e suspendeu as políticas de cinema de forma definitiva – decisão que permanece até hoje.

O orçamento de cultura de Paulínia ainda é mais robusto do que o da imensa maioria dos municípios brasileiros. Atualmente, essa grana vai sobretudo para cursos de dança e música para a população, além de shows de grande porte, que costumam acontecer no sambódromo da cidade. Mas só na pista: é que as arquibancadas estão comprometidas e não podem ser usadas.

Outra opção para receber atrações fica ao lado do teatro, em um terreno descampado onde a prefeitura ergue toldos temporários. Em 2023, um vendaval durante um show de música sertaneja levou embora toda a estrutura – e, em pânico, o público quebrou os vidros do teatro em busca de abrigo. Fazia anos que o espaço não via tanta gente ali dentro.

Em entrevista à *Super*, a atual secretária de Cultura, Turismo e Eventos de Paulínia, Andréia Perini, disse que estuda formas de retomar os editais e de revitalizar o teatro e o sambódromo. Ainda não há, entretanto, planos concretos.

"Comida, diversão e arte"

Desde o início dessa saga, apoiadores apontavam que o Festival de Paulínia e os editais de fomento eram frágeis, porque eram vinculados a um único mandato, e não a uma política de Estado mais robusta. Transferir essas políticas para uma fundação ou programa estatal poderia ter sido decisivo para que Pauliwood durasse.

Seria um caminho possível, mas longe de ser fácil. Ainda hoje, há quem olhe torto para investimentos em cultura. Mas a verdade é que existem várias formas de distribuir fomentos para o audiovisual – que é, também, uma indústria (no País, o setor movimentou em 2024 R$ 70,2 bilhões e gerou mais de 600 mil empregos)⑨.

No Brasil, desde 2008 o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) usa impostos de empresas de audiovisual e telecomunicações para financiar produções – plataformas de streaming serão incluídas na conta em breve. Ele é gerido pela Ancine (Agência Nacional do Cinema, vinculada ao Ministério da Cultura), que envia a grana para os escolhidos via edital.

Os projetos selecionados precisam prestar contas detalhadas, e uma parte do lucro volta para o FSA. É uma forma de o setor se autoalimentar.

Essas políticas ajudam a roda da economia a girar, mas não só. Um filme começa com um bocado de ideias, tomadas e contratos, e acaba de frente para um monte de desconhecidos que, com a boca cheia de pipoca, podem se emocionar, aprender e encontrar inspiração.

No fim, é essa pulsão de interesse pelo nosso mundo que movimenta os desejos individuais, as referências e a cultura em si. Das telas surgem sonhos, piadas, fantasias de Carnaval – e, de vez em quando, um Oscar.

A experiência nacional e internacional mostra que tratar o fomento à cultura como política de Estado pode ser um bom negócio. O futuro do polo de Paulínia é incerto. Mas discutir estratégias que envolvam o poder público (e atraiam a iniciativa privada) é um bom jeito de recomeçar. Não é preciso muito, nesse caso. Afinal, a parte mais difícil era construir a infraestrutura, e o teatro e os estúdios já existem. Que eles ecoem aplausos, e não o silêncio. S

Agradecimentos: João Nunes, jornalista e autor do livro *Paulínia: Uma história de cinema*; Maria do Rosário Caetano, jornalista da *Revista de Cinema*; Marina Rodrigues, consultora de editais e políticas públicas de audiovisual; Ivan Melo, produtor de cinema e ex-diretor do Festival Paulínia de Cinema; Hugo Gurgel, sócio-diretor da Quanta; Thiago Amparo, assessor de imprensa da Prefeitura de Paulínia; Andréia Perini, secretária de Cultura, Turismo e Eventos de Paulínia.

GEOPOLÍTICA

AS RAÍZES DO *Imperialismo* DOS ESTADOS UNIDOS

Texto *Luiza Lopes* Design *Caroline Aranha* Edição *Rafael Battaglia*

Fotos Getty Images e Wikimedia Commons.

A conquista de territórios no século 19. A influência na América Latina. E as vontades de Donald Trump. Entenda as ideias, as guerras e os interesses que sustentaram o processo de formação dos EUA – e como isso ajuda a explicar as intervenções externas e as ameaças que estão acontecendo agora.

Virou cena rotineira: você mal tomou café da manhã e Trump já apareceu no noticiário internacional. Ele sequestrou o presidente de outro país, disse que vai tomar a Groenlândia "de um jeito ou de outro", ameaçou usar força militar contra o México para resolver o problema das drogas e sugeriu que o Canadá poderia se tornar o 51º estado dos EUA.

Ainda não está claro se Trump pretende levar esses e outros planos adiante. Mas tratá-los apenas como um delírio retórico parece cada vez mais arriscado. Afinal, essa postura não começou com ele.

Há mais de um século, os EUA se portam como xerifes da geopolítica global, ditando regras, redefinindo fronteiras e interferindo no destino de outras nações. É um país que gasta trilhões de dólares por ano para manter a sua esfera de influência econômica, cultural e militar pelo globo.

Hoje, os EUA contam com cinco territórios não incorporados [*mais sobre isso adiante*], além de nove ilhas desabitadas. O seu exército tem em torno de 750 bases espalhadas por 80 países

– 90% do total das bases militares internacionais.

Mas, afinal: como uma ex-colônia britânica, fundada em oposição ao imperialismo europeu e apresentada ao mundo como a república da democracia, tornou-se ela própria uma nação imperialista?

Escolhidos por Deus

As Treze Colônias britânicas na América do Norte nasceram em meio a brigas religiosas que sacudiram a Europa. No início do século 17, a Inglaterra ainda digeria a Reforma Protestante e os conflitos após a criação da Igreja Anglicana. Sem espaço dentro da religião oficial da Coroa, grupos de protestantes puritanos atravessaram o Atlântico em busca de liberdade para praticar sua fé.

Influenciados por um ramo do protestantismo conhecido como *calvinismo*, esses imigrantes acreditavam na predestinação e se viam como um "povo escolhido". A possibilidade de viver sua religião sem restrições na América foi interpretada como prova de que a ocupação do território seria um "destino manifesto" determinado por Deus.

Em 1776, as colônias romperam com o domínio britânico. E, desde o início, o projeto nacional esteve ligado à expansão territorial.

Ao se enxergarem como portadores de valores religiosos e políticos superiores, os recém-independentes passaram a entender que o seu modelo de sociedade deveria se espalhar. A ocupação de novas terras, claro, trazia benefícios econômicos e políticos, com mais espaço para plantação e rotas comerciais e força para peitar os europeus. Mas era também um dever moral.

"Os EUA devem ser vistos como o ninho a partir do qual toda a América, Norte e Sul, será povoada", disse Thomas Jefferson, terceiro presidente dos EUA e principal autor da declaração de independência do país.

Em 1801, Jefferson enviou uma carta a James Monroe, seu pupilo no curso de direito e que viria a governar os EUA anos mais tarde: "É impossível não ansiar por tempos distantes, quando nossa rápida multiplicação se expandirá para além desses limites e cobrirá todo o continente do Norte, senão do Sul, com um povo que fala a mesma língua, governado de forma semelhante e por leis similares".

A expansão dos EUA ganhou escala em 1803, quando compraram da França a Louisiana, uma área de 2,14 milhões de km². O país dobrou de tamanho.

A ÚLTIMA GRANDE AQUISIÇÃO TERRITORIAL DOS EUA FOI O ALASCA (1,7 MILHÃO DE KM²), COMPRADO DOS RUSSOS EM 1867.

Mas faltou combinar com os nativos. A ocupação dessas terras destruiu o modo de vida dos povos originários – cuja população caiu de algo entre 5 milhões e 10 milhões, antes da colonização europeia, para menos de 250 mil ao final do século 19.

América para os estadunidenses

Em 1814, após as Guerras Napoleônicas, as potências europeias se reuniram no Congresso de Viena. O objetivo era restaurar as monarquias derrubadas pelas revoluções liberais e conter qualquer nova onda de instabilidade.

Os EUA interpretaram esse movimento como uma ameaça à sua crescente soberania na América. Se Portugal e Espanha se fortalecessem, poderia ser o fim da sua esfera de influência no continente.

Em 1823, o presidente James Monroe avisou ao Congresso que qualquer tentativa de intervenção europeia nas Américas seria tratada como uma agressão direta aos Estados Unidos. Em troca, o país prometia não intervir nos conflitos internos da Europa.

Nascia ali a Doutrina Monroe. O discurso agradou aos países latino-americanos recém-independentes. Em busca de reconhecimento internacional, eles viram com bons olhos a ideia de uma "América para americanos". O Brasil é um exemplo: tornou-se independente em 1822 e foi reconhecido pelos EUA em 1824 – gesto comemorado por D. Pedro I.

A alegria, porém, durou pouco. Na prática, a Doutrina Monroe legitimou a expansão territorial e a interferência nos assuntos do continente. Monroe, diga-se, não era puritano. A sua política não teve motivações religiosas – foi geopolítica agressiva, que deixaria qualquer jogador de *War* irritado.

Em 1846, durante o governo de James Polk, os EUA entraram em guerra contra o México. Após dois anos de conflito, anexaram 1,3 milhão de km² do território mexicano – aproximadamente 55% do país.

Polk queria mais, só que aplicar a doutrina não era tão simples. Na época, os EUA eram uma nação frágil, desigual e profundamente dividida entre os estados da região Norte (industrial e baseada no trabalho assalariado, defensora de um Estado federal forte e da expansão territorial como motor do crescimento) e os da região Sul, agrária e escravista, dominada por grandes proprietários e avessa a qualquer mudança que ameaçasse o equilíbrio político entre os dois modelos sócio-econômicos do país.

A tensão explodiu em 1860, após a eleição de Abraham Lincoln, e levou à Guerra Civil. A vitória do Norte preservou a unidade nacional, fortaleceu o governo federal e abriu caminho para uma →

industrialização acelerada, apoiada na integração do mercado interno, nas ferrovias e no acúmulo de capital.

República imperial

No final do século 19, a bola da vez eram o Pacífico e o Caribe, regiões estratégicas para o comércio e a projeção naval. Faltava só um pretexto que tornasse a intervenção dos EUA politicamente aceitável.

Ele surgiu em 1898, quando o encouraçado USS Maine explodiu no porto de Havana, em Cuba. A causa nunca foi comprovada, mas a imprensa norte-americana rapidamente atribuiu a culpa à Espanha. A narrativa ganhou força ao ser apresentada como uma "cruzada" pela libertação dos cubanos do domínio colonial.

Com a opinião pública inflamada, os EUA entraram na Guerra Hispano-Americana. O conflito durou poucos meses e terminou com vitória norte-americana, impondo aos espanhóis a perda de seus principais territórios ultramarinos.

Cuba tornou-se formalmente independente, mas sob tutela dos EUA, que graças a um tratado assegurou uma intervenção militar (que durou até 1902). Porto Rico virou território não incorporado: pertence aos EUA, mas não é um estado. Os seus habitantes, apesar de serem considerados cidadãos do país, não têm os mesmos direitos políticos do continente (eles não votam para presidente, por exemplo). No Pacífico, as Filipinas, Guam e o Havaí passaram ao controle norte-americano.

Para muitos especialistas, foi aí que os EUA se tornaram uma potência imperial. Em termos históricos, *imperialismo* é a dominação exercida por um país sobre outro, econômica, política, militar ou culturalmente, em benefício dos interesses estratégicos da nação dominante.

Outros pesquisadores, porém, defendem que esse traço está na raiz. "Eles estão em guerra desde o início. Primeiro, contra os povos indígenas. Depois, contra o povo latino. Em menos de 100 anos após a fundação, o país já havia multiplicado seu território por 11", diz Sean Purdy, professor de História dos Estados Unidos na USP.

O grande porrete

Em 1904, o presidente Theodore Roosevelt apresentou uma releitura da Doutrina Monroe, o "Corolário Roosevelt". Ele dizia que os EUA tinham o direito de intervir nos assuntos internos de países latino-americanos sempre que identificassem "desordem crônica" ou violações graves das normas internacionais. Na prática, criava uma base política para intervir quando conveniente.

"Tudo o que este país deseja é ver os países vizinhos estáveis, ordeiros e prósperos", disse Roosevelt ao Congresso. Mas o "afrouxamento geral dos laços da sociedade civilizada" poderia obrigar os EUA, "ainda que com relutância", a atuar como "polícia internacional".

A lógica ficou resumida na frase célebre: "Falar suavemente, mas carregar um grande porrete".

As décadas seguintes ficaram conhecidas como a "Guerra das Bananas". Entre 1913 e 1921, o presidente Woodrow Wilson autorizou intervenções em ao menos sete países, incluindo Nicarágua, República Dominicana, Haiti, Cuba, Panamá, México e Honduras. Tudo para assegurar a exploração de empresas agrícolas dos EUA.

Bons amigos

Com o colapso da Bolsa de Nova York em 1929, o país enfrentou uma grave crise econômica. As vacas magras levaram o governo de Franklin Roosevelt a lançar a "Política da Boa Vizinhança", que defendia uma postura menos agressiva. "Não havia recursos nem vontade política para ficar invadindo outros países", conta Purdy.

A atuação regional passou a apostar menos →

Vizinho indiscreto

Os EUA já meteram o bedelho em quase todos os países da América Latina, das mais diversas formas. Confira:

LEGENDA

- **Países onde já houve intervenção direta.** *Invasão, ocupação e/ou ataque militar.*
- **Países onde já houve intervenção indireta.** *Golpe apoiado/financiamento de grupos armados ou partidos; treinamento e armas a aliados; pressão econômica (sanções, bloqueios).*

Fonte https://revista.drclas.harvard.edu/united-states-interventions/

NORTH
AMERICA
MONROE DOCTRINE
SOUTH
THE NEW DIPLOMACY
James Monroe
Theodore Roosevelt

no porrete e mais em diplomacia, acordos logísticos e *soft power* (influência cultural). O maior símbolo dessa época talvez seja a turnê, em 1941, que Walt Disney e funcionários do seu estúdio fizeram pela América do Sul. Patrocinada pelos EUA, a viagem foi um aceno em busca de aliados antinazistas. Foi nessa época que o Brasil ganhou o personagem Zé Carioca.

Enquanto a Europa estava em frangalhos, os EUA saíram fortalecidos da Segunda Guerra: território intacto, indústria acelerada pela produção bélica e reservas financeiras sem precedentes. Esse domínio, porém, encontrou resistência com a União Soviética (URSS). Era o início da Guerra Fria.

O fantasma do comunismo

A partir daí, intervenções externas passaram a ser justificadas como parte de um esforço global para conter a expansão socialista, mesmo em países sem ligação direta com a URSS.

Em 1947, foi criada a CIA, que se tornaria um dos principais instrumentos dessa estratégia. A agência passou a atuar em operações encobertas para influenciar eleições, desestabilizar governos, apoiar golpes de Estado e sustentar regimes aliados, por meio de propaganda, sabotagem, financiamento e suporte a forças locais.

Na Ásia, os EUA se envolveram nas guerras

da Coreia e do Vietnã, além de operações no Camboja e no Laos. No Irã, fomentou a derrubada do primeiro-ministro Mohammad Mossadegh.

Na América Latina, Washington interferiu em quase todos os países [*veja mapa na pág. 42*]. No Brasil, o caso mais emblemático foi a Operação Brother Sam, em 1964, quando deram apoio logístico e militar ao golpe que instaurou a ditadura.

O poder militar também foi usado para fazer pressão. Em 1962, os EUA impuseram um bloqueio naval a Cuba após a instalação de mísseis soviéticos na ilha. A "Crise dos Mísseis" levou o mundo ao auge da tensão nuclear.

A partir de 1975, ditaduras sul-americanas passaram a atuar de forma coordenada na repressão a opositores, no que ficou conhecido como Operação Condor. O respaldo norte-americano ficou evidente em registros da própria CIA, que descrevem a iniciativa como uma cooperação regional contra "terrorismo e subversão".

Em 1989, a queda do Muro de Berlim marcou o fim da Guerra Fria. Sem um rival à altura, os EUA tiveram que recalcular a rota novamente. Agora, como justificar intervenções internacionais?

A saída foi alegar tentativas de "restaurar a ordem", "combater o crime transnacional", "promover os direitos humanos" ou "defender a civilização ocidental", diz Augusto Rinaldi, professor de Relações Internacionais na PUC-SP e na Belas Artes.

Segundo Rinaldi, esse discurso ajuda a convencer a população norte-americana de que decisões polêmicas não seriam apenas do interesse dos EUA, mas "necessárias", porque o país teria um papel especial no mundo.

Isso ecoa com o que vimos no começo do texto. Desde o início, os EUA se veem como uma nação "singular". A ideia se enraizou na identidade nacional e atravessou toda a política externa. "Nunca podemos duvidar da força da memória histórica", ressalta Luiz Estevam, professor de História da América na Unicamp.

Guerra ao Terror

Após os ataques do 11 de Setembro, sob o governo de George W. Bush, tomou forma a Guerra ao Terror, que tratou o terrorismo como ameaça global e permanente – foi usado como justificativa para intervenções preventivas.

O primeiro alvo foi Osama bin Laden, suposto mentor dos ataques (ele só assumiu a responsabilidade pelo ato em 2004). Em outubro de 2001, tropas norte-americanas invadiram o Afeganistão, então governado pelo Talibã. O regime caiu e, dez anos depois, Bin Laden foi morto num ataque norte-americano (em 2021, os EUA deixaram o país, e o Talibã voltou ao poder).

Em 2003, Washington liderou a invasão do Iraque, sob a alegação de que Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa e vínculos com o terrorismo – acusações nunca comprovadas. À época, a Casa Branca defendeu o "direito à autodefesa antecipada".

Os EUA também realizaram ataques com drones no Iêmen, interviram na Líbia, intensificaram operações na Somália e lideraram, a partir de 2014, uma coalizão contra o Estado Islâmico na Síria.

Apesar de ter sido premiado com um Nobel da Paz, Barack Obama, que governou de 2009 a 2017, tornou-se o primeiro presidente a passar todos os dias do mandato com o país em guerra. Isso mostra que, quando o assunto é política externa dos EUA, pouco importa se o governo é republicano ou democrata.

Império decadente?

Donald Trump herdou a tradição de intervenções e a levou a um novo patamar, sobretudo em seu segundo mandato.

Em dezembro de 2025, ele anunciou uma nova Estratégia de Segurança Nacional que incorpora um "Corolário Trump" à Doutrina Monroe. "Os EUA jamais permitirão que potências estrangeiras roubem nosso povo ou nos expulsem de nosso próprio hemisfério", disse o republicano.

É uma subida de tom que não vem do nada. Os EUA seguem como a maior economia do mundo, mantêm a supremacia militar, lideram áreas-chave da tecnologia e controlam o dólar. Mas já não mandam sozinhos. A ascensão econômica da China vem limitando a margem de manobra norte-americana.

"O desprezo e o desmonte das instituições internacionais e a opção por políticas de força refletem a incapacidade dos Estados Unidos de ditar o jogo como o faziam antes", diz Rinaldi.

A captura do presidente Nicolás Maduro e sua esposa, Cilia Flores, ilustra isso. A Venezuela, dona das maiores reservas de petróleo do mundo, está cada vez mais integrada à órbita chinesa. A justificativa oficial não hesita: envolve o controle de recursos naturais e a abertura do mercado para empresas dos EUA.

Para Purdy, trata-se de um "império em decadência". Não há como prever até quando os Estados Unidos conseguirão sustentar esse papel, mas os sinais de desgaste são claros. Resta acompanhar até onde eles conseguem ir – e até onde vão encontrar resistência. S

NO PÓS-GUERRA, OS EUA OFERECERAM CRÉDITO PARA A RECONSTRUÇÃO EUROPEIA E LIDERARAM A ESTRUTURAÇÃO DA ONU, DO FMI E DO BANCO MUNDIAL.

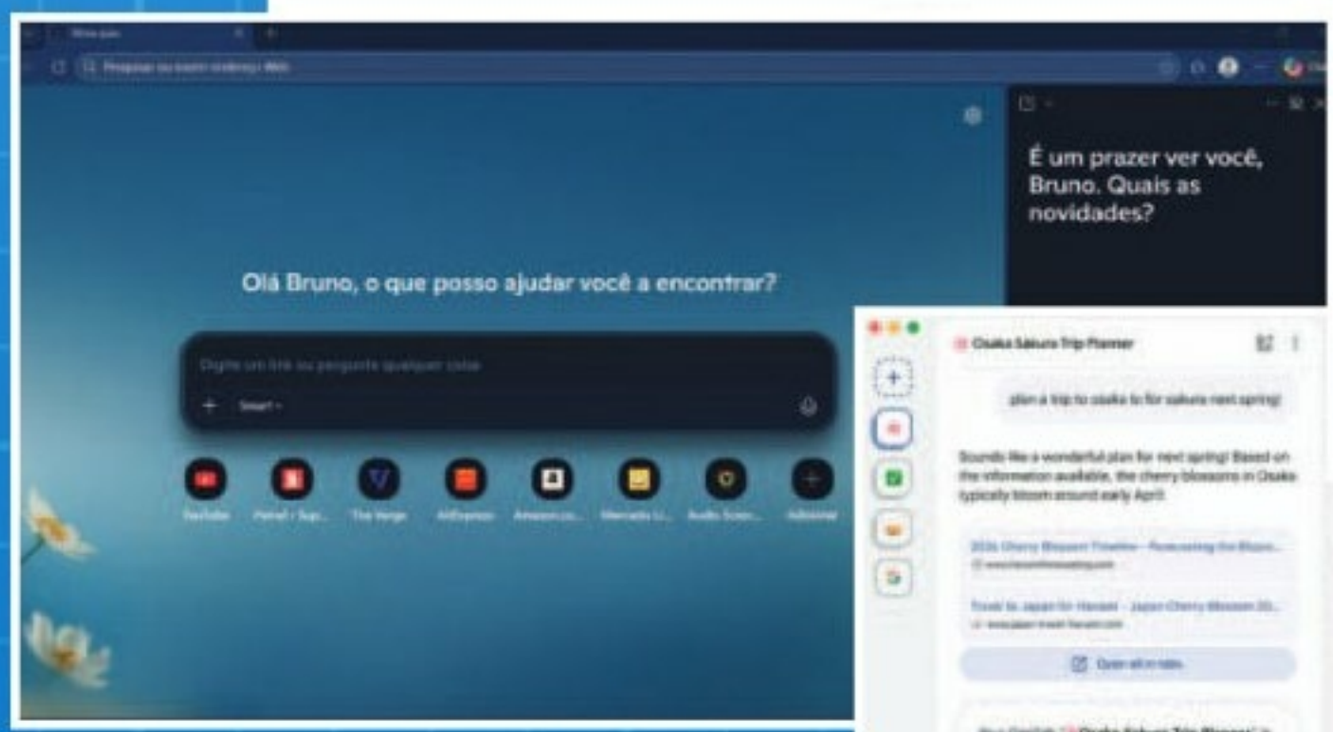
Agradecimentos Felipe Loureiro, professor de Relações Internacionais da USP.

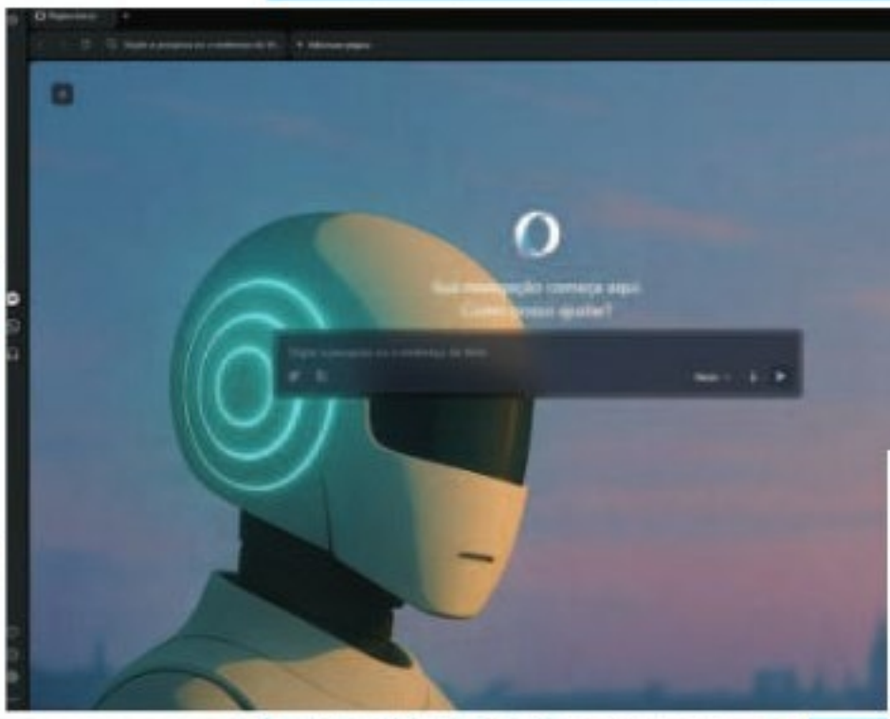
Eles são capazes de assumir o controle do computador e navegar sozinhos, fazendo compras e tarefas online para você. Mas também podem ser bem perigosos. Entenda por que – e confira o teste dos cinco primeiros.

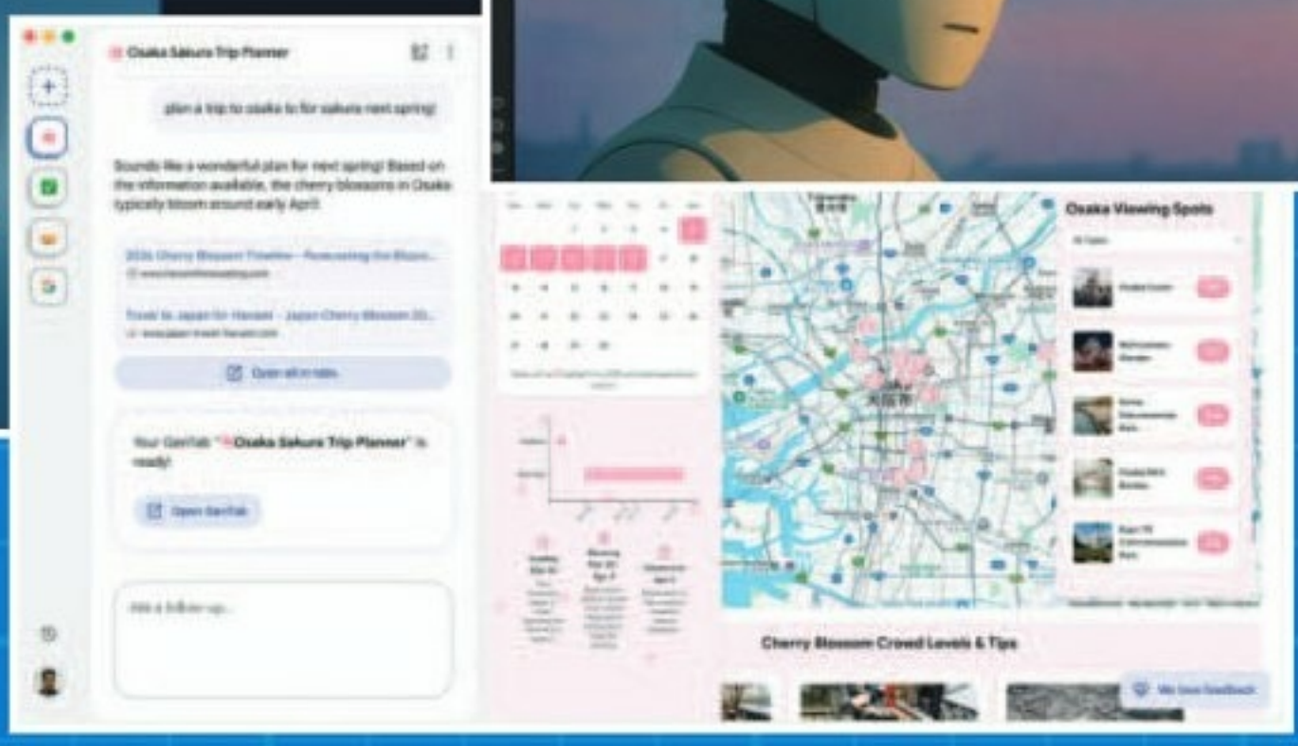
Os navegadores de IA

Texto
Bruno Garattoni

Design
Caroline Aranha

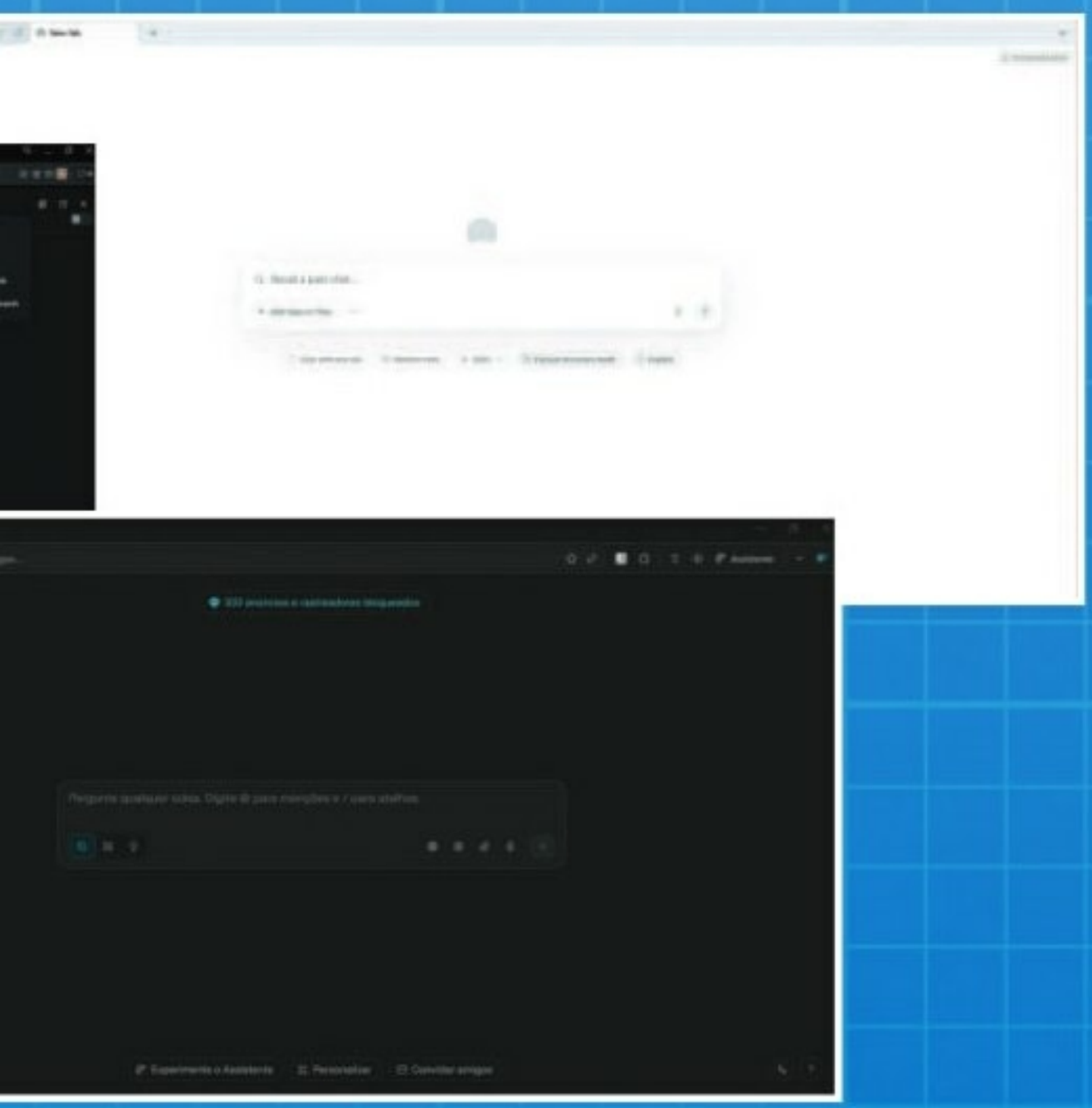






E

IA



Em algum momento de 2016, a internet sofreu uma metamorfose silenciosa. Dali em diante a maior parte do tráfego, e do conteúdo online, passou a ser gerada por bots, que assumiram o controle da rede. Eis a "teoria da internet morta", popular nas redes sociais. É só uma lenda online, sem base concreta.

Mas, em 2026, pode finalmente começar a se tornar realidade. Três anos após a explosão da IA generativa (que gera textos, imagens, vídeos ou código de computador), com o lançamento do ChatGPT, a indústria de tecnologia começa a apostar em uma nova variante: a IA "agêntica", que é capaz de agir e executar tarefas a pedido do usuário. Em vez de entrar no site do supermercado e ir clicando nos produtos, por exemplo, bastaria digitar para a IA: "Faz a compra do mês pra mim?". Precisa agendar uma consulta médica, quer ver se já saiu a sua restituição do Imposto de Renda, se inscrever num concurso, comparar os preços de algum produto, ou resolver qualquer outra coisa online? Você pede e o robô faz: ele assume o controle do computador e começa a navegar sozinho, digitando endereços e clicando em links, para executar as tarefas. Essa é a promessa de uma nova geração de navegadores, que trazem IA agêntica embutida e foram lançados por várias empresas nos últimos meses.

Se a IA agêntica der certo, a internet pode mudar muito. Porque, em vez de navegar, você vai mandar o seu agente de IA – e isso fará com que os sites sejam construídos para atender robôs, não gente. É o que afirma um artigo ① publicado por 18 cientistas dos EUA, da China e da Inglaterra, que imaginam o surgimento de uma "economia da atenção de agentes": uma versão robótica das coisas que os sites fazem hoje para capturar a atenção humana, como *clickbait* (títulos enganosos), SEO abusivo (mutretas para aparecer no Google), *dark patterns* (interfaces que induzem você a clicar em botões errados), conteúdo falso gerado por IA e diversas outras armadilhas – só que em versões para bots.

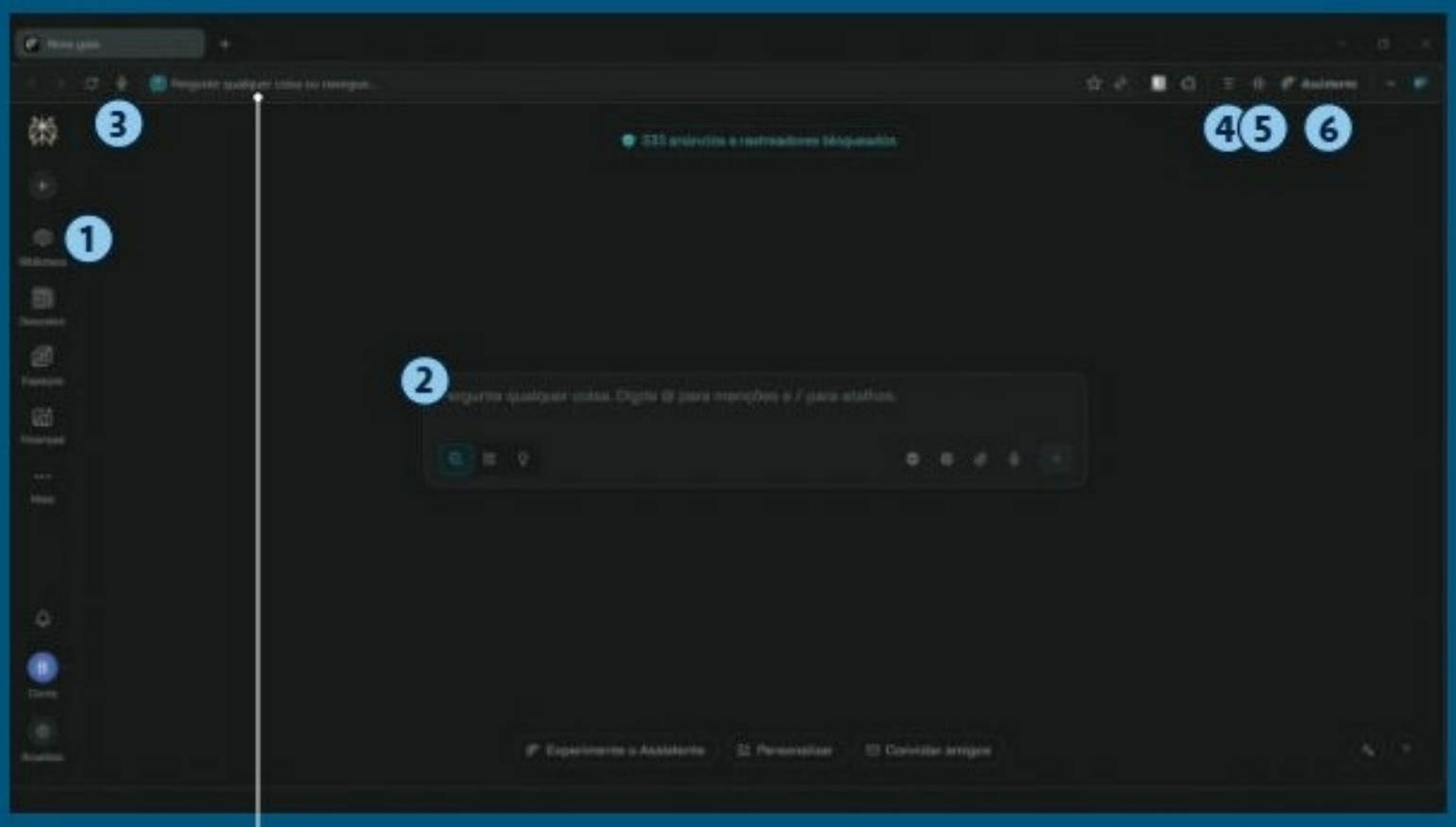
Esse cenário ainda está um pouco distante: os browsers com IA agêntica são primitivos e de uso incipiente. Porém, eles já correm um risco imediato: a "injeção de prompt". Engenheiros da empresa de software Brave descobriram ②

→

Fontes ① "Agentic web: weaving the next web with AI agents";
② "Agentic browser security: indirect prompt injection in Perplexity Comet".

Com a mão no mouse

O navegador Comet, da empresa de IA Perplexity, foi o primeiro a trazer IA agêntica embutida.



1 BARRA VERTICAL

Tem atalhos para a sua "biblioteca" (com as consultas que você já fez à IA) e páginas de notícias geradas por IA, divididas por tema.

2 CAMPO DE PESQUISAS

Serve para consultar o Perplexity. A barra de endereços também é integrada – buscas digitadas nela são feitas nesse serviço de IA (não no Google, como nos navegadores comuns).

3 DITADO

Para dar ordens à IA via comandos de voz. Infelizmente, o processo requer alguma intervenção manual – você tem de apertar Enter para que o comando de voz seja executado.

4 RESUMIR A PÁGINA

Sintetiza o texto da página que estiver aberta no navegador. Funciona muito bem – e também pode ser usado para resumir vídeos do YouTube.

5 MODO DE VOZ

Permite dialogar em voz alta com a IA, em português (como é possível fazer, usando qualquer browser, no site perplexity.ai). Ela responde com um sotaque curiosamente caipira.

6 ASSISTENTE

É o recurso mais poderoso do navegador. Consegue interagir com o Gmail e o Google Docs (resume e redige emails ou cria planilhas, por exemplo), e executa tarefas online – como comparar preços de um produto em vários sites e gerar um relatório.

⭳ DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD: perplexity.ai/comet

que o Comet, primeiro navegador com IA agêntica, pode ser induzido a vazar dados do usuário, permitindo que um hacker invada o Gmail da vítima. Primeiro, o usuário precisaria visitar uma página pública, como um fórum ou post de rede social, na qual o hacker deixou instruções maliciosas. Aí, se a vítima apertasse o botão "Resumir esta página" no painel do Comet [*veja no infográfico ao lado*], a IA do navegador leria todo o conteúdo dela – incluindo as ordens deixadas pelo hacker, que ela obedeceria. A injeção de prompt pode transformar a internet num verdadeiro campo minado. E esse risco afeta, por definição, todos os navegadores com IA agêntica.

A Perplexity, criadora do Comet, admitiu o problema e publicou uma resposta ③ na qual detalha novos mecanismos de segurança que adicionou ao browser. Soam convincentes. Mas aí, em novembro, a empresa de segurança SquareX anunciou ter descoberto uma brecha ④ pior, através da qual a IA do Comet poderia comprometer a segurança do computador como um todo. Essa falha também foi corrigida, por meio de uma atualização. Haverá outras?

Penso nisso enquanto baixo o Comet no meu notebook. A primeira impressão é boa: a instalação começa com uma animação mostrando uma galáxia, acompanhada de música que lembra a trilha do filme *Interestelar*. Mas, ao terminar de instalar o navegador, alguns minutos depois, o notebook começa a vibrar de um jeito estranho. É o cooler interno, que eu nem lembrava que existia – ele nunca havia sido acionado, com essa intensidade, nos três anos de vida do laptop. Olho o gerenciador de processos do sistema, e vejo que o Comet está usando quase 100% da potência da CPU, fazendo a máquina fritar.

Fontes ⑤ "Mitigating prompt injection in Comet"; ④ "Comet's MCP API allows AI browsers to execute local commands".

Ele se acalma depois de alguns minutos, mas outro problema permanece: seu alto consumo de memória RAM. Sozinho, sem nenhum site aberto, o Comet ocupa 754 MB de RAM (o dobro do Google Chrome, conhecido pelo uso voraz de memória). Embora ele use o mesmo "motor" de renderização de páginas que o Chrome, é bem mais pesado ao navegar.

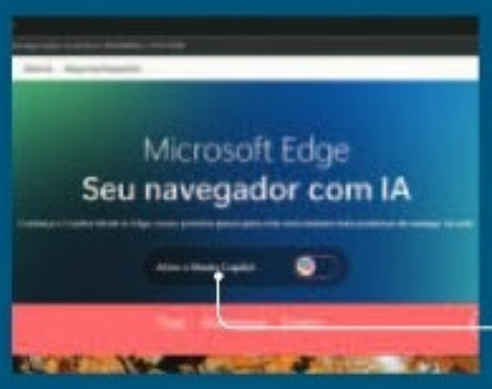
Mas, se os recursos de IA valerem a pena, tudo bem. Começo testando um que serve para resumir vídeos do YouTube. Em vez de me dar um resumo por escrito do vídeo que estou vendo, a IA diz: "Para resumir o vídeo, preciso que você me envie o link (URL) dele no YouTube". Poxa... mas, apesar desse primeiro tropeço, depois o recurso passa a funcionar corretamente. O assistente de IA também é bom, porque mostra funções diferentes conforme o site. Se você está no Gmail ou no WhatsApp Web, por exemplo, ele se oferece para resumir a mensagem ou a conversa exibida na tela.

Entro no Google Sheets e ordeno ao navegador: "Faça uma planilha de marcação de ponto". O Comet pede permissão para assumir o controle do mouse e do teclado, e aí começa a operar o meu computador – é como se houvesse um fantasma mexendo nele. Fico vendo a IA tentar criar a planilha. Ela digita, tira prints da tela, analisa, refaz várias e várias vezes. Depois de cinco longos minutos, o Comet diz que "a planilha está totalmente funcional e salva no Google Drive". Começo a mexer nela, em que a IA inseriu quatro funcionários fictícios, e logo acho um erro primário: a fórmula de soma de horas só funciona para o primeiro dos quatro.

Resolvo tentar algo ainda mais simples. Abro minha própria planilha de ponto e peço ao Comet que some as horas que trabalhei em janeiro. "Você atingiu o seu limite semanal de tarefas automatizadas no navegador. Faça o upgrade para o plano Pro." Pago o tal plano, de US$ 20 mensais, e refaço o pedido. Aí o Comet consegue a proeza de errar na conta: mostra uma soma de horas 25% inferior à real. É um problema típico das IAs atuais, que frequentemente se atrapalham com cálculos.

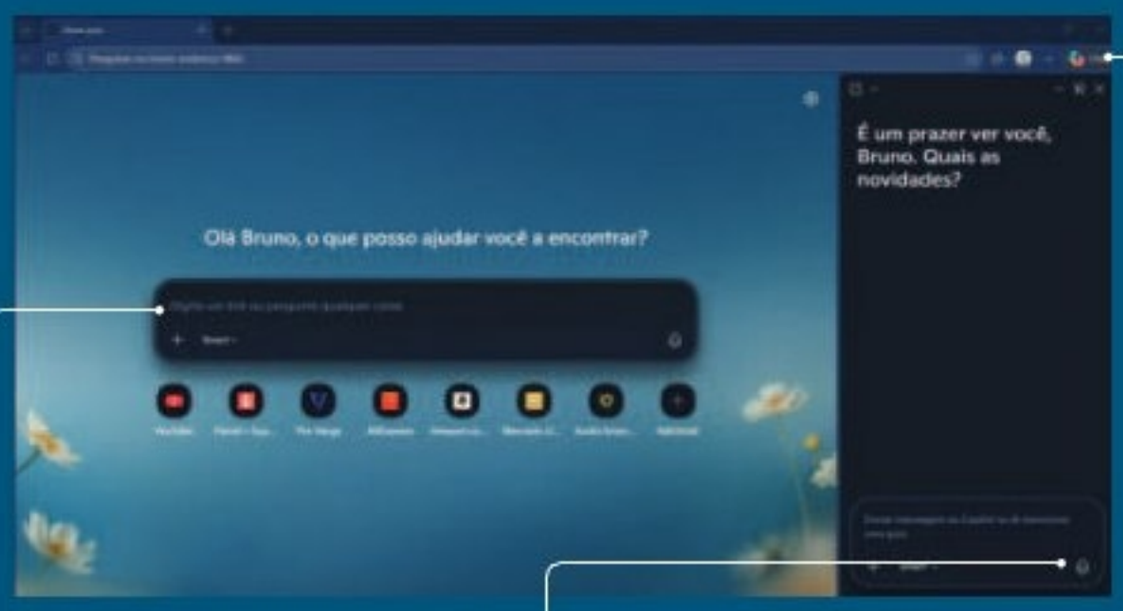
De olho em tudo

O Microsoft Edge traz embutida uma IA capaz de enxergar – e controlar – a sua tela.



DANDO A PARTIDA

O novo sistema de IA se chama Copilot Vision. Se você usa o Windows 11, ele já está presente no Edge. Para habilitá-lo, basta acessar www.microsoft.com/pt-br/edge/copilot-mode, usando o Edge, e clicar em Ative o Modo Copilot. Isso só precisa ser feito uma vez.

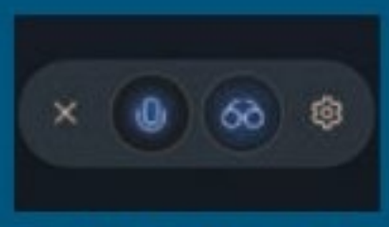


A NOVA CARA

Feito isso, o browser muda um pouco: sua interface passa a ser azul, e a página inicial traz um campo de conversação no qual é possível fazer perguntas à IA Copilot, da Microsoft (ela usa o algoritmo GPT-5, o mesmo do ChatGPT).

Se você clicar no botão Chat, uma barra lateral se abre. Ela também tem um campo para digitar perguntas – e, o mais importante, traz o botão Copilot Vision.

O MODO COPILOT VISION



Quando ele é acionado, aparece essa barrinha – os ícones indicam que a IA está ouvindo a sua voz (pelo microfone do computador) e enxergando a sua tela. Você pode conversar com ela e fazer perguntas diversas.

O Copilot Vision assume o controle do navegador. Você pode pedir, por exemplo, que a IA compare o preço de um produto em várias lojas. Ela vai abrir os sites que você pediu, fará as pesquisas e apresentará as respostas.

EMBUTIDO NO WINDOWS

Simples, mas engenhoso

Dia, da americana The Browser Company, aposta em habilidades de IA pré-configuradas.

AS "SKILLS"

Elas são sequências de comandos pré-configuradas, que instruem a IA a fazer certa coisa – como checar a veracidade de algo que você está lendo ou escolher roupas que combinem mais com você (em sites de e-commerce).

Dá para criar as próprias Skills – escrevendo instruções, em inglês, para a IA – ou baixar outras já prontas, de uma galeria.

DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD: diabrowser.com

Hora de testar o modo de navegação autônoma. Digo ao Comet: "Tô querendo comprar um climatizador de ar. Pesquisa o melhor, até R$ 700, na Amazon e no Mercado Livre?". Ele entra nesses sites, navega e faz a pesquisa corretamente, mas se atrapalha ao gerar a resposta, na qual inclui links para outros sites (não Amazon e ML, como pedi). A IA ainda tem o desplante de me mandar fazer o trabalho ("entre na Amazon Brasil e digite climatizador"). Não desisto, e tento outra ordem: "Entra no site da Receita Federal e checa se já saiu minha restituição do Imposto de Renda?". Aí dá certo. O Comet vai até a página, clica nos links certos e me leva até a área certa do site, pedindo que eu digite meu login.

Ele é promissor. Mas sua IA inconstante, que erra muito, e o peso do programa fazem com que ainda não seja viável para o dia a dia. Passo para o próximo navegador: o Microsoft Edge, que recentemente ganhou novos recursos de IA [*veja no infográfico da pág. 49*]. O Edge usa o algoritmo GPT-5, o mesmo "cérebro" usado no ChatGPT, e é claramente mais inteligente do que o Comet. Navego em sites de notícias, começo a ler uma reportagem sobre o Banco Master, e o Edge se oferece: "Se você quiser, posso montar uma linha do tempo dos principais acontecimentos". Aceito e ele faz isso direitinho, sem erros. A IA também sugere e faz um diagrama conectando o banqueiro Daniel Vorcaro aos demais envolvidos no caso. Legal.

Aciono o modo Copilot Vision, que concede à IA o controle total do navegador. "Hi there, Brunou", me saúda uma voz em inglês. O Copilot Vision só funciona por comandos de voz – não aceita comandos digitados nem mostra respostas por escrito. Pergunto se podemos conversar em português, e a IA responde "claro que sim" com outro sotaque, agora curiosamente portenho. Peço a ela que pesquise um climatizador (como fizera antes com o Comet). O Edge começa a navegar sozinho, enquanto a IA narra o que está fazendo e raciocina em voz alta. Impressionante. Mas, ao terminar, ela empaca – e não me mostra os resultados. Digo à IA que faça isso, ela consente ("com certeza, Bruno", responde, desta vez com sotaque carioca), mas não obedece. Insisto, e ela se limita a dizer: "Achei uns climatizadores top". Estaria debochando de mim? Por outro lado, o Edge se sai bem no teste do Imposto de Renda.

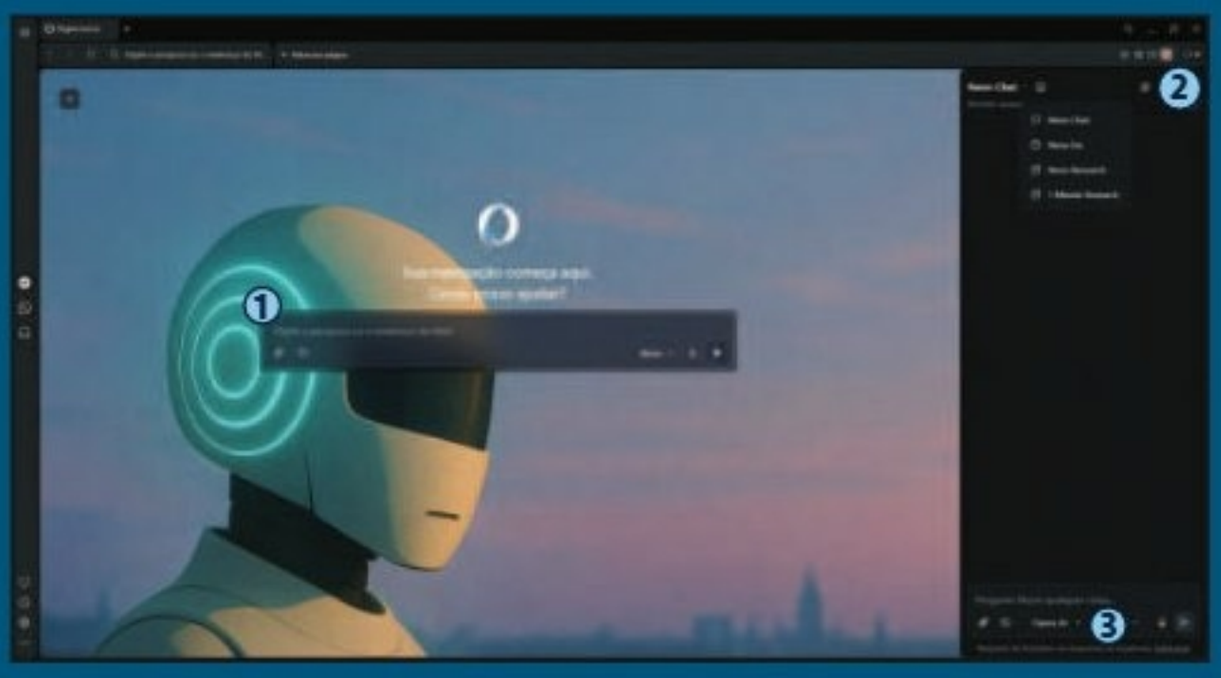
O navegador da Microsoft tem um modo, o Copilot Actions, que faz compras online sozinho a pedido do usuário. Por enquanto, esse recurso só funciona nos EUA. Mas o ChatGPT Atlas, o navegador da OpenAI, também tem isso – e funciona no Brasil. Desde que você tenha um Mac (o browser ainda não tem versão para Windows) e uma assinatura do plano ChatGPT Plus, de R$ 100 mensais. Ao abri-lo pela primeira vez, salta aos

Google Disco

Ele usa IA para criar páginas dinâmicas, que misturam dados colhidos de vários sites. É um protótipo, em testes nos EUA.

Todas em um

Além de navegar sozinho e realizar tarefas online, o Opera Neon permite usar algoritmos de IA de outras empresas, como Gemini e GPT.



1 CAMPO DE CONVERSAÇÃO

Serve para falar com a IA.

2 BOTÃO AI

Abre uma barra em que é possível escolher as opções Neon Chat (para conversar com a IA), Neon Do (para mandar o navegador realizar tarefas online), Neon Research (a IA gera um relatório profundo sobre determinado assunto) e 1 Minute Research (versão mais simples e rápida da função anterior).

3 SELETOR DE ALGORITMOS

Permite escolher qual IA você irá usar.

↓ DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD: operaneon.com

ChatGPT integrado – e turbinado

O navegador Atlas, da OpenAI, acrescenta funções ao ChatGPT – incluindo o Agent, um sistema de navegação autônoma.

TIPOS DE RESULTADO

Depois que você digita alguma coisa no campo de pesquisa, aparece essa barra – com os itens Home (mostra respostas em texto, do ChatGPT), Search (para ver resultados do Google), Images, Videos e News.

UM AGENTE (QUASE) SECRETO

No modo ChatGPT Agent, a IA assume o controle do navegador, podendo navegar em sites e executar tarefas (como fazer compras) sozinha. Mas você não pode acionar esse modo quando quer. O ChatGPT monitora as suas perguntas – e, se achar que o seu pedido pode ser atendido pelo modo Agent, só então habilita o botão dele.

A EXECUÇÃO AUTÔNOMA

A tela fica azulada quando o ChatGPT Agent está controlando o navegador. A IA vai explicando o que está fazendo, na barra lateral, e o navegador também mostra dois botões de emergência – que permitem pausar ou parar imediatamente a ação do robô.

⭳ DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD: chatgpt.com/atlas

olhos o minimalismo extremo: o programa não mostra nem aquela barra para você digitar endereços de sites. Toda a navegação é feita pelo prompt, que é conectado ao ChatGPT.

Começo a navegar e o Atlas mostra um botão, o Ask ChatGPT, com opções contextuais – como resumir vídeos do YouTube. Mas o mais interessante é o Agent Mode, que é capaz de navegar sozinho e fazer tarefas online. Ele fracassa miseravelmente nos testes do climatizador (mostra resultados do eBay e do Walmart dos EUA) e da Receita Federal ("não consigo entrar no site, mas posso te mostrar como fazer isso"). E as tais compras online? Pergunto à IA e ela sugere um teste: se oferece para comprar ingredientes para guacamole no site do supermercado Pão de Açúcar. Uau. Digo que sim e, espantado, assisto ao robô navegando e colocando os ingredientes no carrinho. Infelizmente, ele acaba decepcionando. Não adiciona itens importantes, como cebola e limão. E, quando vou olhar o carrinho, ele está vazio.

Os sites da internet são infinitamente diferentes uns dos outros, e isso confunde as IAs agênticas. Para tentar resolver a questão, a OpenAI tem criado "conectores", plug-ins (escritos por programadores humanos) que ensinam o Atlas a navegar por determinados sites. Nos EUA, ela já oferece um para o supermercado online Instacart. Mas, no Brasil, ainda não há nada do tipo.

Experimento mais dois navegadores: Opera Neon e Dia Browser. O primeiro se sai bem no teste do Imposto de Renda, mas naufraga na pesquisa de climatizadores (não me mostra links para comprá-los). Apesar disso, ele é razoável; seu maior problema é custar US$ 20 mensais. Assim como o Comet e o Atlas, não vale. Já o navegador Dia, gratuito, propõe um uso mais simples, porém interessante, de IA [*veja no infográfico da pág. 49*].

O Google está desenvolvendo um navegador, o Disco, baseado em IA [*veja quadro ao lado*]. Também anunciou, no começo deste mês, o modo Auto Browse para o navegador Chrome – que passa a ser capaz de navegar sozinho, como os rivais. Mas esse modo só está disponível para quem está nos EUA e assina o serviço Google AI Pro, de US$ 20 mensais.

Em suma: os navegadores de IA são caros (porque dependem de algoritmos que rodam na nuvem e consomem muito poder de processamento dela) e não entregam o que prometem. Não conseguem navegar e executar tarefas de forma confiável. Talvez, como acontece com as IAs generativas (que continuam sofrendo o problema das "alucinações", sua tendência a inventar dados falsos, sem qualquer solução para isso no horizonte), a evolução da IA agêntica acabe batendo num paredão. Ou de um dia para o outro, como num passe de mágica, surja um algoritmo capaz de fazer qualquer coisa. O futuro dirá. S

HISTÓRIA

A ECONOMIA *Alam*

A cachaça é um dos destilados mais consumidos do mundo, mas ainda é pouco conhecida lá fora. Nem sempre foi assim: na colônia, ela se estabeleceu como um dos principais produtos do tráfico negreiro, conquistou adeptos na África e influenciou o sistema escravagista do Caribe e da América do Norte. Conheça a história da bebida, que motivou a primeira revolta em solo brasileiro.

Do bique

Texto *Felipe van Deursen*

Design e colagens *Cristielle Luise*

Fotos Getty Images, Wikipedia e BNDigital

EM 2001, o Brasil oficializou a cachaça como um produto com indicação geográfica controlada. Foi um passo importante para firmar a bebida no mercado internacional e reconhecê-la como símbolo cultural e histórico do País.

Está na lei: "cachaça" é a "denominação típica e exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil [...] obtida pela destilação do mosto fermentado do caldo de cana-de-açúcar", com graduação alcoólica entre 38% e 48%. Em 2024, produzimos 292,5 milhões de litros da bebida, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária ①.

De acordo com entidades como a Expocachaça e o Instituto Brasileiro da Cachaça, nossa caninha é o terceiro destilado mais consumido do mundo, atrás apenas do coreano *soju* e da vodca. Faltam, porém, dados consolidados, e esses levantamentos ignoram o chinês *baijiu*, considerado o destilado mais popular do planeta.

É um consumo essencialmente interno. Da mesma forma que as vendas de baijiu se concentram na China, as exportações de cachaça ficam entre 0,5% e 1%. Para os gringos, ela ainda é uma bebida um tanto exótica.

É claro que drinks como a caipirinha e o rabo de galo ajudam na fama da cachaça lá fora. Mas o caminho é longo. A começar pelo fato de que o grosso do que é exportado são aguardentes industrializadas de menor qualidade. Para Felipe Jannuzzi, editor-chefe do site *Mapa da Cachaça*, mesmo no Brasil faltam informações e acesso às melhores cachaças. "Não temos um mercado evoluído internamente, dessa forma é difícil esperar uma mudança lá fora."

Por aqui, há mais de mil produtores formalizados, mas o cenário é de muitos produtos, porém poucas marcas conhecidas. "Criar uma marca é caro e demanda muito tempo", diz Jannuzzi. Com a produção e o consumo tão fragmentados e voltados para dentro, a cachaça vive uma realidade bem diferente daquela do Brasil Colônia. Há 350 anos, a bebida estava no centro da economia de uma das maiores potências imperiais do mundo.

1611

É a data da primeira menção de que se tem registro de um alambique no Brasil.

Origem incerta

Há quem afirme que a cachaça surgiu por volta de 1540, quando já havia engenhos de açúcar no Brasil. Não se sabe ao certo. O historiador João Azevedo Fernandes conta ② que a primeira referência concreta data do século 17. Em 1611, um inventário em São Paulo menciona a existência de um alambique, equipamento essencial na destilação de bebidas alcoólicas.

À época, o açúcar já era o principal produto da colônia. A cachaça se aliou a outro derivado da cana, a rapadura (açúcar escuro e petrificado), além de carne-seca e farinha, e compôs a base

A cachaça era um subproduto da economia açucareira. E os colonos a transformaram em fonte de renda, cujos lucros não iam para Portugal.

da alimentação dos trabalhadores – e também do tráfico de mão de obra escravizada.

Os africanos não eram apenas capturados em caçadas. Normalmente, eram negociações que envolviam tecidos, instrumentos agrícolas, metais, pólvora e bebidas alcoólicas. Esse sistema contava com pontos fixos em terra e barcos que navegavam em águas costeiras, fortes e portos. Os comerciantes africanos podiam ser intermediários ou integrar monopólios estatais ou organizações de nobres ou reis.

No fim do século 16, a mão de obra escravizada africana se tornou indispensável nas lavouras brasileiras. Do Rio, saíam carregamentos de farinha de mandioca e de aguardente para os portos africanos, a fim de serem trocados por mais cativos. Os colonos fluminenses furavam o bloqueio que impedia o comércio direto entre as possessões imperiais, driblavam o fiscalismo e, assim, impunham grandes prejuízos à Coroa.

Se a cachaça foi vital nas relações exteriores, também foi importante na interiorização da colônia. Nas camadas populares, ela era vista como alimento, dado seu valor calórico. Nas vendas próximas das igrejas de vilas e arraiais e caminhos que iam sendo abertos pelo interior, sempre havia aguardente em cabaças, ao lado de rapadura e fumo.

Moeda de troca

Portugal via o mercado atlântico como essencial para sua enfraquecida economia em meados do século 17. De 1580 a 1640, o reino esteve sob domínio espanhol na chamada União Ibérica. Foi um período em que Lisboa perdeu autoridade e viu alguns de seus territórios invadidos por potências rivais (como o Nordeste brasileiro, pelos holandeses). →

Fontes ① "Anuário da Cachaça 2025"; ② livro *Alcohol in Latin America*, sem edição brasileira.

Quando Portugal recuperou a autonomia, precisou reforçar sua posição no comércio ultramarino. Para isso, criou, entre outras medidas tomadas, a Companhia Geral do Comércio do Brasil, em 1649.

Essa empresa passou a ter monopólio sobre os grandes gêneros de exportação portugueses, como vinho, bacalhau, farinha e azeite. Também assegurou o monopólio sobre o comércio brasileiro, e naquele mesmo ano proibiu a venda de cachaça no Brasil. A bebida estava dando dor de cabeça à metrópole – como as piores ressacas, era algo difícil de controlar.

A produção brasileira era limitada, mas já fazia frente às bebidas importadas na América lusitana. Na segunda metade do século 17, virou um empecilho para o mercado de vinho. É que a cachaça tinha uma série de vantagens: era mais barata, tinha teor alcoólico maior e se adaptava melhor ao clima tropical e às viagens oceânicas (por ter mais álcool, estragava com mais dificuldade).

O setor açucareiro também encrencou com a cachaça. Os destiladores desviavam parte da produção de cana, o que gerava concorrência interna e encarecia o fabrico de açúcar. A demanda por lenha, essencial no funcionamento dos engenhos, também aumentou e a tornou mais cara. Por fim, os proprietários culpavam a cachaça pelo aumento de acidentes de trabalho e de rebeliões dos escravizados.

1.266

É o número de produtores de cachaça registrados no Brasil em 2024, 4% a mais que no ano anterior.

A primeira revolta brasileira

Na capitania do Rio de Janeiro, onde a fabricação e o comércio de cachaça eram relevantes, a proibição gerou tumulto. Nos anos 1620, o Rio tinha 40 engenhos de açúcar, de um total de 230 na colônia ③. Na década de 1650, o governador da capitania, Luís de Almeida, solicitou ao Conselho Ultramarino que revogasse o veto.

Para Almeida, uma coisa era proibir na Bahia, onde o açúcar valia mais e o frete para o reino era mais barato. Isso porque no Rio a cachaça ganhou mais terreno, também, por causa da qualidade da matéria-prima. O caldo da cana fluminense era aguado, o que piorava o açúcar, mas não fazia diferença para a cachaça. Então, os produtores do Rio viam mais vantagem em fazer aguardente do que os de outras capitanias. Seu açúcar podia não ser lá grandes coisas, mas a bebida tinha mercado garantido em Angola e no Golfo da Guiné.

O poderoso ex-governador Salvador de Sá e Benevides, associado da Companhia Geral, fazia oposição aos donos de alambiques. Ele insistiu no embargo, argumentando que o consumo de pinga fomentava a rebeldia dos negros.

Em 1659, uma provisão impôs que todos os alambiques do Rio deveriam ser destruídos, numa medida que afetava, além dos produtores de cachaça, ferreiros, caldeireiros e oleiros. Qualquer um envolvido na fabricação de alambiques estava sujeito a multa e até deportação para Angola.

Naquele ano, Sá e Benevides voltou ao governo do Rio, cuja economia vivia uma situação delicada.

Faltavam recursos, e a mortalidade de escravizados estava alta, o que afetou a produção de açúcar. Além disso, a capitania precisava de mais fundos para construir um forte na Baía de Guanabara e uma frota de navios – entre eles, o Padre Eterno, um enorme galeão (um tipo de embarcação).

Sá e Benevides decidiu criar novos impostos, mas a Câmara fluminense fez uma contraproposta. Aceitava o aumento da tributação, desde que a cachaça fosse legalizada e o comércio exterior, permitido. O governador alegou dúvidas e manteve os entraves.

Membro de um poderoso clã que incluía Mem de Sá e Estácio de Sá, Salvador não brincava com as próprias ambições. O Padre Eterno tinha 2 mil toneladas, 53 metros de comprimento e 144 peças de artilharia. Era o maior navio do mundo, e sua construção marcou a toponímia carioca até hoje: o terreno onde funcionava o estaleiro passou a se chamar Galeão, e a ilha onde fica o bairro e o Aeroporto do Galeão virou a Ilha do Governador.

Sá e Benevides não respeitava decisões da Câmara, criou impostos e minguou os cofres públicos. A insatisfação culminou, em dezembro de 1660, na primeira revolta popular brasileira, a Revolta da Cachaça.

Em vez de enfrentar os rebeldes, Sá e Benevides, um militar experiente, aguardou em São Paulo a chegada de reforços. Em abril de 1661, reconquistou a cidade do Rio, confiscou armas, prendeu inimigos e ordenou que o líder do movimento, Jerônimo Barbalho Bezerra, fosse decapitado.

O que era para ser uma mera reivindicação de colonos descambou para o primeiro levante da América portuguesa. Porém, a Revolta da Cachaça não foi contra o rei, mas contra a política fiscal do governador. Sá e Benevides pode ter esmagado o movimento, mas acabou substituído no cargo. A grande vitoriosa, no fim, foi a cachaça, que voltou à legalidade ainda em 1661.

A Revolta da Cachaça fez Sá e Benevides deixar o cargo – foi o fim de um longo domínio da oligarquia dos Sá na capital fluminense.

Motor alcoólico do império

A Coroa retomou a proibição em 1679. No entanto, por mais que tentasse, Portugal não conseguia controlar o tráfico. Durante o veto a cachaça enriqueceu comerciantes dos dois lados do Atlântico. →

Fonte ③ livro *História do Brasil*, do frei Vicente do Salvador.

Em 1689, uma coalizão de ex-governadores, funcionários da Coroa, produtores de cachaça e proprietários de navios negreiros reabriu o mercado da África Central. Em 1695, o comércio voltou a ser regularizado. Com o pagamento de uma taxa ao sair do Brasil e de outra ao entrar em Angola, a Coroa deixou de perder tanto dinheiro e a cachaça assumiu papel central na economia mercantilista do Atlântico Sul.

Em 1699, por exemplo, entraram por vias oficiais 308 mil litros de aguardente em Luanda. Segundo o historiador Raphael Martins Ricardo, especializado no comércio ultramarino português, em Angola a aguardente brasileira correspondia a cerca de 93% de todas as bebidas alcoólicas importadas.

Além das vantagens em relação ao vinho, o ineditismo contava muito. "Para muitas populações africanas, em especial sudaneses e bantos, a bebida era uma completa novidade: antes do contato com os portugueses, destilados eram praticamente desconhecidos", diz o historiador.

De acordo com Martins Ricardo, a bebida reforçou a centralidade econômica do Brasil no Império Português e virou um instrumento de integração comercial, arrecadação fiscal e transformação de hábitos culturais. "Por um lado, tornou-se uma bebida popular, sobretudo entre a população escravizada, integrando festas, rituais e o cotidiano. Por outro, foi alvo de críticas morais e religiosas", diz. "Muitos viam o consumo como fator de degradação física, social e espiritual."

A cachaça também mobilizou insurreições em Angola, mas talvez a melhor forma de ver o impacto cultural da bebida nas colônias seja a língua. Existem centenas e centenas de sinônimos para ela, muito além de "pinga", "marvada" ou "branquinha", e alguns deixam claro o nosso intercâmbio com o continente africano. *Jeribita*, nome pelo qual a bebida ficou conhecida no interior da África Central, teria origem brasileira. Já outros vieram da África, como *angico*, *cumbe*, *malunga* e *marafo*, termo comum nas religiões afro-brasileiras.

O custo humano disso foi devastador. Entre 1501 e 1867, 10,5 milhões de africanos chegaram às Américas (1,8 milhão morreram no caminho). Desses, 5,8 milhões foram transportados por portugueses e brasileiros ④. O sistema luso-brasileiro de *plantation* (monocultura de exportação, mão de obra escravizada e lucros sobretudo para a metrópole) acabou influenciando todos os regimes escravistas do continente: espanhóis, franceses e ingleses o adotaram em propriedades menores.

Até mesmo nas moedas de troca houve semelhança gritante. Se no Brasil a cachaça estava no centro das negociações do tráfico negreiro, no Caribe era o rum. Ambos são subprodutos de economias açucareiras. Enquanto a aguardente brasileira é feita a partir do caldo fresco (garapa), o destilado caribenho vem do caldo cozido da cana (melaço), o que traz diferenças no resultado final (o rum tende a ser mais adocicado que a cachaça).

Os navios negreiros ingleses atendiam à demanda africana por rum enquanto abasteciam as fazendas caribenhas de mão de obra escravizada. Os colonos americanos assimilaram isso e, no fim do século 17, mergulharam no negócio. Da mesma forma que

2023

Foi quando o rabo de galo, drink à base de cachaça, entrou para a lista da Associação Internacional de Bartenders, da qual a caipirinha já fazia parte. Um sinal de valorização do destilado brasileiro mundo afora.

Nas ex-colônias francesas do Caribe, existe uma versão de rum, chamada *agricole*, ainda mais próxima da cachaça, pois também é feita de garapa.

traficantes do Rio se especializaram em levar cachaça para Angola, negreiros da Nova Inglaterra inundaram a África com 5 milhões de litros de rum entre 1680 e 1713, um volume que lhes rendeu cerca de 60 mil escravizados.

A conquista do Brasil

Além do processo de interiorização do Brasil, em que a cachaça também teve papel importante, surgiram regiões produtoras de referência. Até o século 19, a capital pingófila do país era Paraty. A cidade fluminense foi, inclusive, sinônimo da bebida por muito tempo – num caso parecido com o de "tequila" (nome de uma cidade no México) e "champanhe" (uma região da França).

A ligação mais forte a determinados lugares reforçou o papel simbólico da cachaça no desenvolvimento de uma identidade brasileira. Para o antropólogo Luís da Câmara Cascudo, no clássico *Prelúdio da Cachaça* (1968), um episódio determinante nesse sentido foi a Revolução Pernambucana (1817). Na ocasião, o padre João Ribeiro, líder e mártir da insurreição, recusou uma taça de vinho francês em um brinde. Fez questão da aguardente nacional.

Aos poucos, também, ela deixou de ser exclusividade das camadas populares. Marcou presença até nos cardápios da família real. Mas, no século 20, caiu em um ostracismo que a impregnou dos preconceitos que a acompanharam desde os tempos da colônia – aquele papo de birita de bebuns, vadios e degenerados.

Neste século, surgiu uma valorização, com produtores artesanais se profissionalizando e investindo em controle de qualidade, distribuição, marketing e turismo. Essa descoberta se estendeu a outros produtos nacionais, como queijo, café, chocolate e azeite. Aliado à valorização de ingredientes brasileiros na coquetelaria e na gastronomia, isso configuraria, em tese, o cenário de uma era de ouro para a cachaça.

Até este ano, somente Chile, Colômbia, México e Estados Unidos (que antigamente a chamavam de "rum brasileiro") reconheciam a cachaça como produto genuinamente brasileiro. Esse cenário vai mudar com a entrada em vigor do Acordo Mercosul-União Europeia. Com ele, todos os países da UE passarão a acatar a indicação geográfica da cachaça. Pode ser um passo para que a bebida volte a ter destaque internacional – sem os horrores da escravidão. S

Fonte ④ projeto The Trans-Atlantic Slave Trade Database.

ORÁCULO

→ **ILUSTRAÇÕES** BUBUSSAURO **DESIGN** RAFAELA REIS

10

LITROS DE ÁGUA são usados para fabricar uma folha de papel A4 ao longo da cadeia produtiva.

DE ONDE VEM O CHEIRO DE LIVRO NOVO?

Sofia Kercher, São Paulo (SP)

É UMA MISTURA DOS INGREDIENTES do tratamento da folha, além de tinta e cola. A água usada na fabricação do papel não evapora por completo até o momento de embalar o livro. Dessa forma, quando abrimos um exemplar novo, sua umidade é liberada junto com compostos voláteis (ou seja, que evaporam com facilidade). Alguns exemplos são o carbonato de cálcio, utilizado para deixar o papel opaco, e as fibras de celulose. São eles que nossas narinas percebem como perfume bibliotesco. A tinta também contribui: a mais usada na impressão é a *offset*, à base de resina ou óleo. A cola entra na mistura olfativa, mas com menor influência. Seu processo de endurecimento (chamado "cura" da cola) acontece mais rápido, então não sobram muitos compostos a serem liberados quando o livro sai do plástico. E é claro: o aroma depende do processo pelo qual ele passou. Dois livros que usam papéis diferentes, por exemplo, não têm o mesmo cheiro. 1

Como as aranhas sabem o padrão de teias que devem fazer?

Charlotte, Maine (EUA)

É INSTINTIVO de cada espécie, assim como ursos sabem quando hibernar e bebês sabem mamar. Essas "instruções" estão ligadas ao DNA, que orienta o desenvolvimento das partes do corpo responsáveis pelo comportamento. Milhões de anos de evolução selecionaram os indivíduos que construíam as teias mais adequadas para determinada situação. Eles se tornaram maioria e deram origem a espécies distintas. A teia de cada espécie tem uma função. As aranhas-de-jardim, por exemplo, constroem entre galhos para capturar insetos voadores. Já as caranguejeiras tecem fios para tapar a entrada de suas casinhas subterrâneas, o que as protege de predadores e do clima. Se a teia for mal feita, a aranha não sobrevive e seus genes não serão passados adiante. Em situações de estresse, elas liberam um hormônio que acelera a produção da teia. ❷

PÁ PUM

Qual o estado brasileiro com mais igrejas por habitante?

Padre, do Balão

O ACRE, com 554 estabelecimentos religiosos para cada 100 mil pessoas. ❸

NÚMERO INCRÍVEL

65%

DA BORRACHA natural produzida no planeta vai para a indústria de pneus. ❹

OUTRO DADO RELEVANTE SEM NENHUMA LIGAÇÃO

650

MÚSCULOS existem no corpo humano, aproximadamente. Não há consenso do valor exato.

Se a borracha é branca, por que os pneus dos carros são pretos?

@marciompiaui, via e-mail

AS BORRACHAS são brancas. O que torna o produto final preto é a adição do negro de carbono, usado para deixá-lo mais duro. O pneu é uma mistura de borracha natural (derivada do látex de seringueiras) e borracha sintética (que vem do petróleo). Elas representam de 40% a 60% da composição final. Também entram aditivos que garantem algumas características dos pneus, como durabilidade e resistência. Tudo é misturado em uma espécie de batedeira gigante que incorpora as borrachas aos outros elementos, caso do negro de carbono. Depois, o pneu em si passa por um processo de montagem com aço, tecido, nylon e, claro, borracha até que ele fique com o formato redondo. Os cabos de aço, por exemplo, ficam dentro do pneu para evitar deformação. ❺

Qual é a origem da expressão "pão-duro"?

Mãe Joana, da Casa

UMA TEORIA POPULAR atribui a expressão ao dramaturgo carioca Amaral Gurgel. A maioria das fontes na internet diz que a expressão teria surgido a partir de sua peça *Pão duro*, de 1941. A trama é sobre um mendigo que pedia esmola de pão velho (por isso, "pão duro") em frente a uma padaria no Rio de Janeiro. Após a sua morte, descobre-se que ele guardava uma fortuna escondida, e que só não gostava de gastar a grana. Essa seria a origem da expressão usada para os avarentos – mas não foi bem assim. Guilherme Gurgel, bisneto de Amaral, contou à *Super* que a expressão já circulava antes de seu biso. A menção mais antiga ao dito "pão-duro" encontrada por Guilherme data de 1929, 12 anos antes da peça de Amaral. O texto sob a manchete "Ricos Esfarrapados", no *Jornal do Brasil*, narra a história de três ricaços que se passavam por pobres. Um deles, de nome Pão Duro, mendigava no Largo da Sé apesar de ser "proprietário de alguns prédios que lhe rendiam alguns contos de réis por mês". Talvez esse fosse o pão-duro "original", mas é difícil afirmar.

As árvores podem ter câncer?

Matheus Felipe Ramos Braga, Paracatu (MG)

NÃO. Plantas podem ter tumores, mas eles não se comportam como os nossos. Cânceres em animais acontecem quando mutações genéticas levam à divisão rápida e desordenada de células, resultando em tumores malignos. Nas árvores, o mais comum é que alguns artrópodes provoquem a formação de *galhas* – estruturas que parecem tumores, mas param de crescer quando o parasita é retirado. Já alguns vírus, fungos e bactérias podem interferir na expressão dos genes da planta e provocar o crescimento anormal das células. Mesmo assim, a estrutura é diferente dos cânceres, não há metástase e raramente são graves. ❻

Reportagem Ana Clara Barreiro, Bruno Carbinatto, Bela Lobato, Júlia Azevedo, Luiza Lopes, Diego Facundini, Maria Clara Rossini e Rafael Battaglia.
Fontes ① Amaury Fernandes, professor da Escola de Comunicação da UFRJ, Academia Brasileira de Letras, Science History Institute; ② artigos "Proximate mechanism of behavioral manipulation of an orb-weaver spider host by a parasitoid wasp" e "Spider webs and drugs", livro *Biology of spiders*, Adriana Rios Lopes, pesquisadora do Instituto Butantan; ③ Censo 2022 do IBGE; ④ capítulo "Natural Rubber", no livro *Rubber technology*; ⑤ Alex Rodrigues, gerente de Processos da Dunlop; ⑥ artigo "Plant tumors: a hundred years of study" e Rosy Isaias, professora do departamento de Botânica da UFMG.

POR QUE A AVE PERU DÁ NOME A DOIS PAÍSES?

@marconivlima, via Instagram

POR VÁRIAS COINCIDÊNCIAS. A ave peru é nativa do sul dos EUA e do México, e foi domesticada por indígenas antes da chegada dos europeus. No século 16, os espanhóis levaram o animal à Europa. Lá, o peru foi comparado a uma ave já conhecida: a galinha-d'angola, espécie africana que chegava por rotas comerciais controladas pelo Mediterrâneo Oriental. Essas regiões eram chamadas de Turquia nas línguas europeias desde a Idade Média, em referência aos povos turcos que as governavam. Por isso, a galinha-d'angola era conhecida em inglês como *turkey fowl* ("ave da Turquia"). Ao encontrarem o peru americano, os ingleses lhe aplicaram o mesmo nome. O termo *turkey* se consolidou, apesar de a ave não ter qualquer relação com o país. Já o nome do país Peru provavelmente deriva de "Birú" ou "Virú", nome de um chefe indígena que vivia no atual Panamá. A partir dos contatos com esses povos, os espanhóis passaram a usar "Peru" como um rótulo genérico para as terras desconhecidas ao sul. Quando a ave chegou a Portugal, foi reconhecida como "do Peru" – um sinônino impreciso de América Espanhola. Apesar de não ter origem no Peru, o nome da ave ficou.

Como foram escolhidas as "cláusulas pétreas" da Constituição?

Djalma Gonçalves, Rio de Janeiro (RJ)

UMA ÚNICA VEZ, durante a Assembleia Nacional Constituinte em 1988. São quatro cláusulas "escritas em pedra", que não podem ser alteradas por emenda constitucional. Segundo o texto, não podem ser abolidas: a forma federativa do Estado (isso garante a subdivisão do governo em estados e municípios); o voto direto, secreto, universal e periódico; a separação dos Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); e direitos e garantias individuais. A primeira delas existe desde a Constituição de 1891, formulada após a proclamação da República. Já as três últimas foram influenciadas pelo contexto de 1988, em que o Brasil saía do regime militar. Dessa forma, fazia sentido garantir o voto e os direitos fundamentais. A escolha ainda teve o dedo de juristas de Portugal, país que também havia saído de uma ditadura, uma década antes. Essas cláusulas evitam que a própria Constituição forneça meios legais para que alguém se torne um ditador. 1

PERGUNTE AO ORÁCULO

Escreva para *maria.costa@abril.com.br* mencionando sua cidade e estado – ou mande a pergunta via direct no Instagram.

Por que Saturno é o único planeta com anéis?

Bruno Carbinatto, editor da Super

ELE NÃO É. A questão é que Saturno tem anéis mais visíveis e brilhantes que os outros. Há sete bambolês em torno do planeta, resultado de pedaços de cometas e asteroides atraídos pela gravidade do gigante gasoso (que é nove vezes maior que a Terra e 95 vezes mais massivo). São bilhões de fragmentos de gelo e poeira que refletem bem a luz solar – o que permitiu a Galileu Galilei observar e descobri-los em 1610. Urano, Júpiter e Netuno também têm anéis, mas eles só foram identificados nos anos 1970 e 1980. Eles são menos visíveis devido à sua composição: os de Júpiter têm sobretudo poeira e rocha escura; já Urano e Netuno até têm gelo, mas ele é escurecido por compostos orgânicos. 2

LISTA

Animais que saltam mais alto.

Imagine atingir o topo da Torre Eiffel em um pulo. Esse é o talento do primeiro animal da lista – só que em uma escala (bem) menor.

1 **PULGA:** *200 vezes o tamanho do corpo, chegando a 18 cm.*

2 **ARANHA-SALTADORA:** *De 50 a 100 vezes, dependendo da espécie.*

3 **GAFANHOTO:** *20 vezes – proeza de suas seis perninhas.*

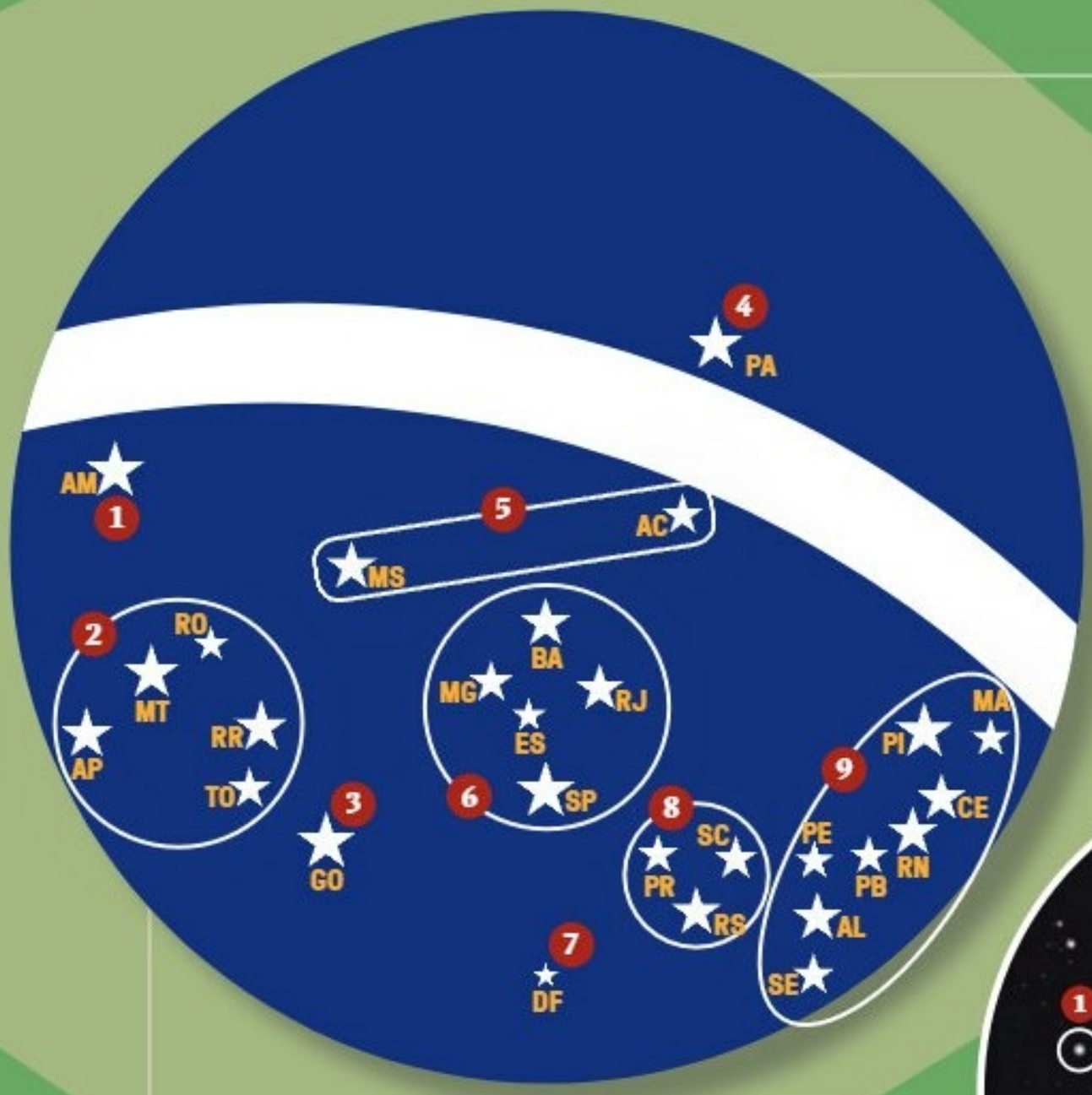
4 **PERERECA:** *20 vezes, para ajudar a trocar de galho.*

5 **CABRA-DAS-PEDRAS:** *De 5 a 10 vezes, o que a ajuda a subir em rochas.*

SÓ ACREDITO VENDO

Onde ficaria a estrela de um novo estado na bandeira?

NÃO SABEMOS, mas ela deve corresponder a uma estrela de verdade presente no céu no dia da proclamação da República. São centenas de opções, que podem ser escolhidas com base em estética e simbolismo. Abaixo, veja como as estrelas da bandeira seriam visíveis no céu.



CONSTELAÇÕES:

1. Cão Menor
2. Cão Maior
3. Carina
4. Virgem
5. Hidra Fêmea
6. Cruzeiro do Sul
7. Oitante
8. Triângulo Austral
9. Escorpião

Céu do Rio de Janeiro em 15/11/1889, às 8h30

O tamanho e a posição das estrelas são distorcidos para se adequarem à bandeira. Dê uma olhada no Cruzeiro do Sul.

Fonte Marcos Calil, astrônomo do Urânia Planetário.

Quais são os maiores ossos do mundo?

Lucas Andrade, de Itaúna (MG)

SÃO AS MANDÍBULAS da baleia-azul, que podem medir entre 5 e 7 metros. Esses são os maiores ossos do maior animal que já existiu em toda a história do planeta: a espécie, que habita os oceanos há pelo menos 3 milhões de anos, pode chegar a até 30 metros de comprimento e pesar 200 toneladas. Abaixo das mandíbulas dessas baleias ficam as pregas ventrais: estrias que expandem o papo como uma sanfona e permitem que elas abram um bocão, capaz de engolir até 70 mil litros de água. Em um dia, as baleias-azuis comem de 4 a 6 toneladas de krill (crustáceos). São 150 mil calorias em uma só bocada.

HUMANOS têm 206 ossos no corpo. Baleias-azuis, 356. Mas as campeãs nesse quesito são as cobras. As pítons podem ter até 1.800 ossos.

O MAIOR osso humano é o fêmur, que mede de 45 a 50 cm, em média. O recorde é do alemão Julius Koch: 76 cm de fêmur (ele tinha 2,48 m de altura).

OS MUSARANHOS têm vértebras intertravadas – um reforço na coluna que permite aos roedores de 10 cm aguentar um humano de 70 kg.

Fontes ① Senado Federal, artigo "A impossibilidade de as cláusulas pétreas vincularem as gerações futuras"; ② Jorge Luis Melendez Moreno, astrofísico e professor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da USP.

QUAL FOI O PRIMEIRO NOME REGISTRADO EM TEXTO?

Bruno Carbinatto, editor da Super

KUSHIM. Ele aparece em uma tabuleta de argila da cidade-Estado de Uruk, na Suméria. O artefato data de entre 3.100 e 3.000 a.C., quando a escrita dava seus primeiros passos. Ele foi achado na Mesopotâmia, no atual sul do Iraque (o nome do país vem de "Uruk"). A tabuleta era uma espécie de recibo. Ela registra a entrega de cevada ao longo de 37 meses e termina com uma assinatura. A inscrição costuma ser traduzida como: "29.086 medidas de cevada, 37 meses, Kushim". O nome no final indica quem conferiu a operação. Naquele contexto, a escrita era usada sobretudo para controlar bens, impostos e pagamentos. Outras tabuletas do mesmo período trazem nomes como Gal-Sal, En-pap X e Sukkalgir, associados a registros de trabalho e propriedade. Isso sugere que os primeiros nomes escritos pertenciam a pessoas comuns envolvidas em tarefas cotidianas. Alguns especialistas argumentam que "Kushim" pode ter sido um cargo, não um nome próprio. Mesmo assim, ele é o melhor candidato a primeiro nome escrito na História.

Qual a importância dos mosquitos? Por que não podemos extingui-los?

Leo Caparroz, repórter da Você S/A

ÀS VEZES DÁ VONTADE, mas levar esses insetos à extinção intencionalmente seria arriscado (além de muito difícil). Eles polinizam plantas, servem de alimento para outros bichos e ajudam no transporte de microrganismos. Algumas espécies de mosquito existem há mais de 2 milhões de anos – antes mesmo dos humanos. Só a família Culicidae reúne cerca de 3.600 espécies, das quais apenas algumas dezenas transmitem patógenos causadores de doenças. Não sabemos exatamente quais seriam as consequências a longo prazo, mas mexer com algo que faz parte do ecossistema há tanto tempo não costuma ser uma boa ideia. 1

Por que alguns desodorantes deixam as axilas brancas?

Shrek, do Pântano

POR CAUSA DOS SAIS DE ALUMÍNIO presentes nos antitranspirantes. Eles são substâncias brancas que se concentram nas axilas quando o produto é aplicado em excesso. Quando entram em contato com a pele, esses compostos de alumínio formam um gel, criando uma barreira nas glândulas e impedindo a secreção de suor. Em alguns casos, o alumínio pode ficar impregnado no tecido de roupas. Quando misturado ao sebo (secretado pelas glândulas sebáceas da pele), esse gel se torna insolúvel em água – e fica difícil removê-lo com uma lavagem normal. Para prevenir esses casos, o melhor a fazer é esperar o produto secar na pele antes de vestir a roupa. 2

LOST IN TRANSLATION

Origem Alemanha

Fernweh

Desejo de viajar para longe

Em alemão, a palavra ***weh*** designa um desejo ou saudade tão forte que chega a doer. Já ***fern*** significa um lugar remoto e distante. Por aqui, diríamos que alguém quer sumir do mapa.

CONEXÕES

Do Flávio Dino ao Dino da Silva Sauro

por Rafael Battaglia

Flávio Dino

O ministro do STF descende de Francisco Manuel Antônio Monteiro Tapajós, dono de terras condecorado por D. Pedro II por acabar com as revoltas da Cabanagem (e que, depois, entrou para a política). Dino é associado honorário do Rotary, grupo fundado por...

Paul P. Harris

Advogado que cresceu no interior dos EUA. Em 1905, ao se mudar para Chicago, decidiu organizar reuniões para fazer networking. Hoje, a associação tem 45 mil clubes e reúne 1,2 milhão de pessoas. Outro membro honorário do Rotary foi...

MANUAL

por Maria Clara Rossini

Como se alongar (de verdade)

DEFINA UM OBJETIVO

Exercícios de alongamento trazem benefícios para todo mundo: aumentam a mobilidade, a consciência corporal e previnem lesões. Mesmo assim, você pode aproveitá-los melhor se souber o que quer: o esporte que você pratica exige flexibilidade? Ou você só quer levantar da cama sem dor? Isso ajuda a definir os exercícios da sua rotina.

A MELHOR HORA

Para ganhar mobilidade e flexibilidade, cada região deve ser alongada de 30 segundos a 1 minuto. Uma sessão completa vai de 10 a 20 minutos, dependendo do número de articulações trabalhadas. Não faça sessões antes dos treinos de musculação ou tiro de corrida, pois pode haver uma queda de performance.

SEGURE FIRME

Sabe quando você tenta tocar no pé com as pernas esticadas e começa a dar impulsos curtos e rápidos para forçar o alongamento? Esqueça essa técnica. O alongamento balístico não é recomendado pois pode gerar lesões e não é tão eficaz quanto o estático. Em vez disso, vá até onde conseguir e segure o alongamento na posição.

NÃO PODE FALTAR

Dê preferência a exercícios versáteis, que trabalhem várias articulações e grupos musculares. Alguns exemplos de regiões são: a posterior da perna (exercício de tocar o pé), a coluna [*alongamento gato-vaca, mostrado na ilustração*], o peitoral (colocar a mão na parede e olhar para o lado oposto) e os ombros (puxar o cotovelo).

Fonte Ana Paula Simões, diretora da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e Esporte.

PARA SABER MAIS *Mulher-elástica*

Sempre faça um breve aquecimento antes de alongar (caminhada, pulinhos etc.). Se você começar com o corpo frio, as fibras não irão deformar e esticar.

Os alongamentos dinâmicos (exemplo: balanço de pernas e braços) podem ser incorporados aos aquecimentos de outros treinos. Só não podem ser muito intensos.

Sem sofrência: as posições de alongamento não devem doer, e sim gerar uma leve tensão. Não chegue querendo abrir um espacate no primeiro dia.

O alongamento é apenas um dos exercícios dentro de uma rotina geral de treinos. A musculação continua sendo importante para evitar dores e lesões.

Walt Disney

Morou em Marceline – cujas ruas inspiraram a Main Street USA, entrada de vários parques da Disney. As atrações dos parques costumam ter trilhas sonoras originais, algumas compostas por...

Bruce Broughton

Indicado ao Oscar e ex-governador da Academia responsável pelo prêmio, Broughton trabalhou em filmes como *Silverado* e *Milagre na Rua 34*. É o autor da música de abertura da série *Família Dinossauro*, cujo protagonista é...

Dino da Silva Sauro

No original, o seu nome é Earl Sinclair. O sobrenome é uma referência à empresa de petróleo homônima, cujo mascote era um saurópode – o grupo dos dinos pescoçudos. Fósseis de saurópodes já foram achados no Maranhão, terra natal de **Flávio Dino**.

Fontes ① Lincoln Suesdek, biólogo do Laboratório de Parasitologia do Instituto Butantan; ② artigos "Overview of active ingredients used in deodorants and antiperspirants available on EU market", "Reprodução e caracterização de manchamentos causados por desodorante antitranspirante em malha de algodão buscando melhorar o desempenho de remoção", "A novel washing algorithm for underarm stain removal".

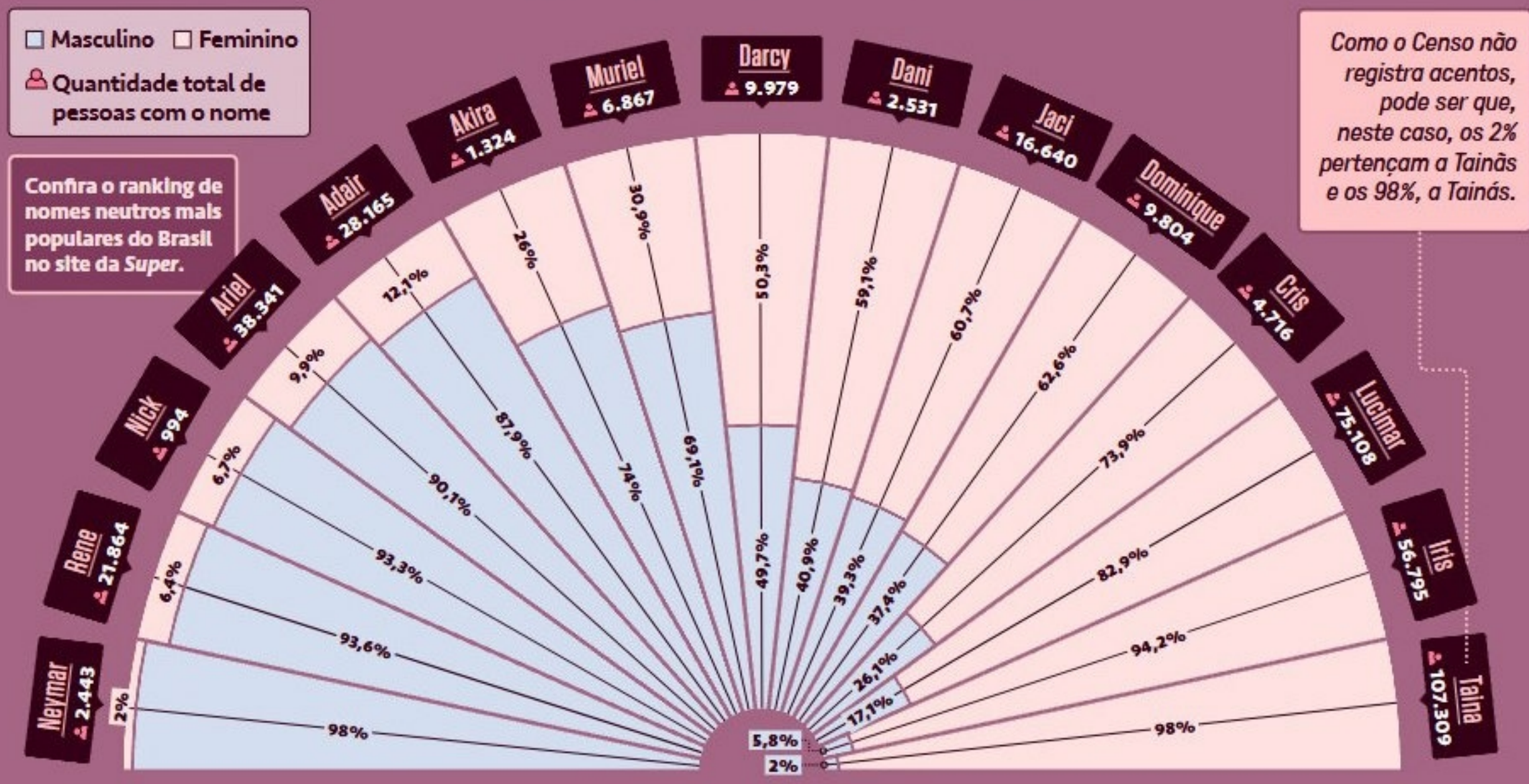
Tá no RG

A plataforma Nomes no Brasil, do IBGE, viralizou ao trazer dados curiosos dos mais de 128 mil nomes que aparecem no Censo de 2022. Veja algumas das descobertas.

Infográfico *Bela Lobato e Caroline Aranha*

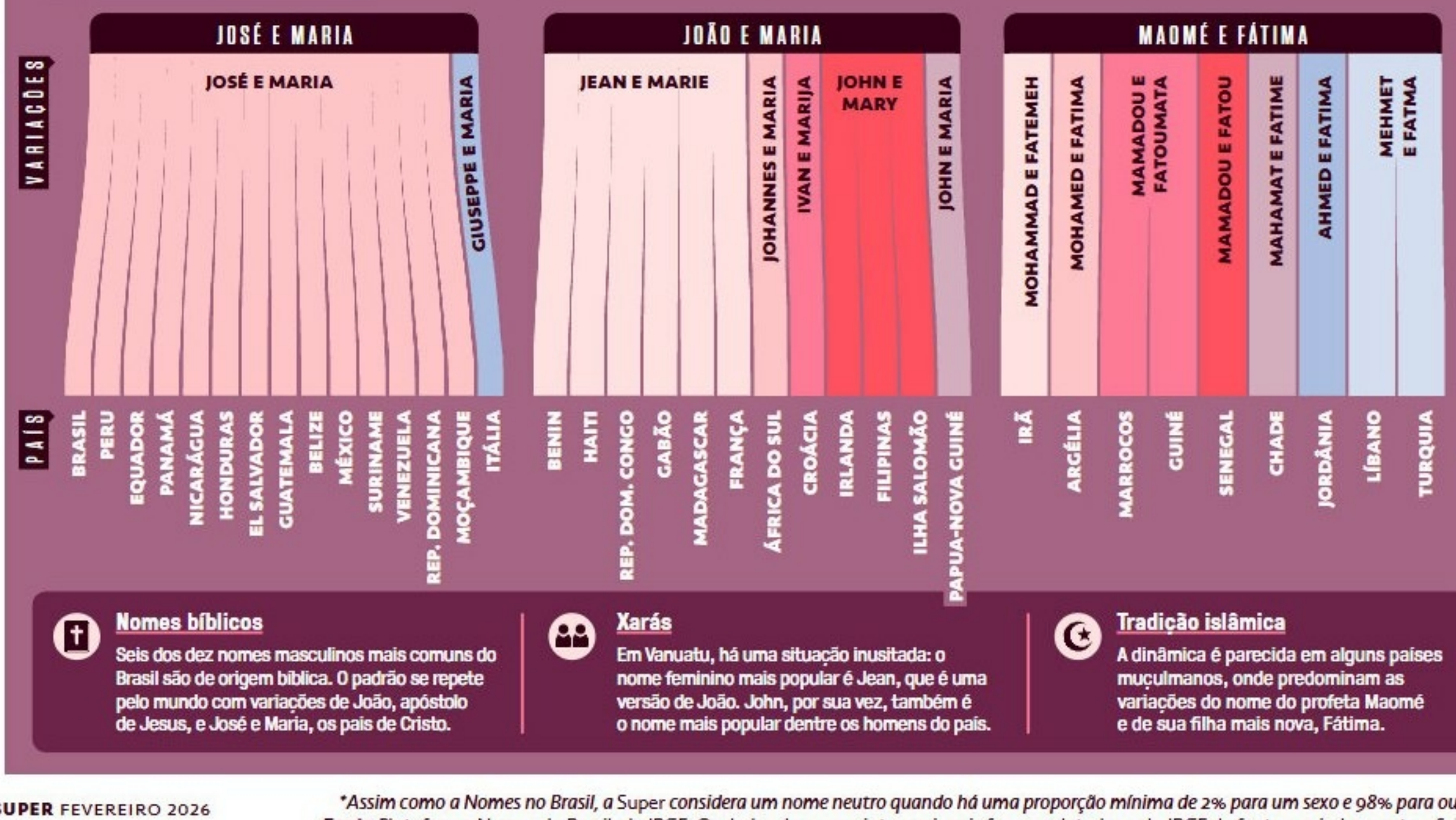
NOMES NEUTROS

5,6% dos nomes registrados – 7.201 no total – são usados tanto para homens quanto para mulheres. É o caso das 48 Neymares espalhadas pelo Brasil. Abaixo, uma seleção de nomes com essa característica.*



NOMES POPULARES

A Nomes no Brasil também traz dados estatísticos de outros países. Dá para ver como alguns padrões se repetem, mesmo com ligeiras variações – caso das três duplas de nomes mais comuns mundo afora.



Nomes bíblicos

Seis dos dez nomes masculinos mais comuns do Brasil são de origem bíblica. O padrão se repete pelo mundo com variações de João, apóstolo de Jesus, e José e Maria, os pais de Cristo.

Xarás

Em Vanuatu, há uma situação inusitada: o nome feminino mais popular é Jean, que é uma versão de João. John, por sua vez, também é o nome mais popular dentre os homens do país.

Tradição islâmica

A dinâmica é parecida em alguns países muçulmanos, onde predominam as variações do nome do profeta Maomé e de sua filha mais nova, Fátima.

**Assim como a Nomes no Brasil, a* Super *considera um nome neutro quando há uma proporção mínima de 2% para um sexo e 98% para outro.*
Fonte Plataforma Nomes do Brasil, do IBGE. Os dados de nomes internacionais foram coletados pelo IBGE de fontes variadas e extraoficiais.

Se você ama desafios com palavras, vai se apaixonar por Entre Linhas Superinteressante!

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e

COMPRE JÁ!

Entre Linhas Superinteressante é um jogo de cartas que todos jogam para vencerem juntos!

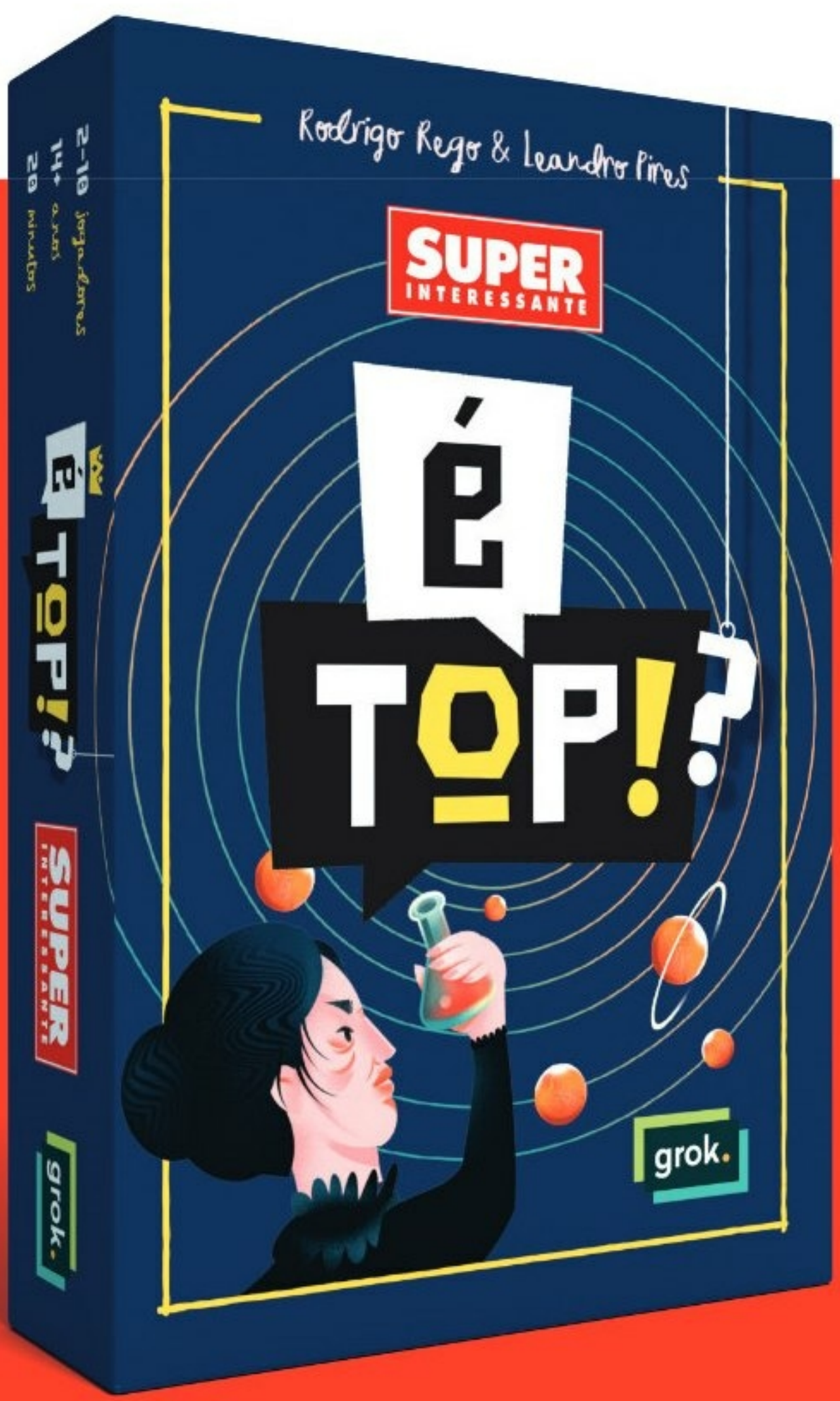
Cruze palavras do universo da ciência, história e tecnologia e encontre a dica perfeita para sua família e amigos acertarem qual é a sua carta!

PAPERGAMES

/papergamesed

grok. + SUPER INTERESSANTE

Grok e **Super** se uniram para criar um jogo de trivia que vai desafiar seus conhecimentos — ou seu poder de blefe.



A cada rodada, você arrisca um palpite do que está no Top 10.

Conteste os palpites errados dos outros para marcar pontos.

Mas cuidado: contestar sem razão pode custar caro.

grok.games
grokgames.com.br

Escaneie o QRCode ao lado e garanta já o seu **É Top!? Superinteressante**